



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

**LILIAN DE ALMEIDA GOMES**

**DIÁRIO DE BORDO:**  
**UMA VIAGEM POÉTICA PELA MATERNIDADE**

ARRAIAS-TO  
2022

**LILIAN DE ALMEIDA GOMES**

**DIÁRIO DE BORDO:  
UMA VIAGEM POÉTICA PELA MATERNIDADE**

Monografia apresentada a Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo: Artes Visuais e Música  
Orientador: Prof. Me. Don Gomes Alves

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

G633d Gomes, Lilian de Almeida.  
Diário de bordo: Uma viagem poética pela maternidade . / Lilian de Almeida Gomes. – Arraias, TO, 2022.  
73 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo,  
2022.

Orientador: Don Gomes Alves

1. Maternidade. 2. Poéticas Visuais. 3. Diário Poético. 4. Artes Visuais. I. Título

**CDD 370.91734**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CÓDIGO E LINGUAGENS ARTES  
VISUAIS E MÚSICA**

**DIÁRIO DE BORDO:  
UMA VIAGEM POÉTICA PELA MATERNIDADE**

Monografia submetida ao Curso de Licenciatura em Educação Do Campo: Código e Linguagens em Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor, em cumprimento parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Educação do Campo: Código e Linguagens em Artes Visuais e Música.

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 21/03/2022**

Professor Me. Don Gomes Alves - Orientador  
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Professora Dr<sup>a</sup>. Daniela da Cruz Schneider - Membro Efetivo  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Professora Dr<sup>a</sup>. Fernanda Roberta Lemos Silva - Membro Efetivo  
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Arraias, TO, 21 de março de 2022.

Dedico este trabalho à minha eterna rainha e mãe Edith José de Almeida, à minha princesa e filha Ynaiá Almeida da Silva, e minha família que sempre estão ao meu lado me apoiando.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido força, coragem, sabedoria e, principalmente, saúde, porque sem isso não teria conseguido vencer mais essa etapa na minha vida. Não tem coisa melhor do que conquistar projetos a base do esforço e dedicação própria. À minha mãe e filha, minhas principais fontes de inspiração e motivação para a elaboração, construção e conclusão desse projeto. Me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam minha ausência enquanto me dedicava à realização deste trabalho. Meu pai e irmãs por todo seu amor incondicional e motivacional.

Um carinho em especial ao meu professor Don Gomes Alves, desde seus ensinamentos até o momento em que aceitou se tornar meu orientador, em vários momentos que passei me acalentou com suas palavras de incentivo, sua compreensão, colaboração e estímulo, pois sem isso não teria sido possível. Agradeço também à Universidade Federal do Tocantins e o curso de Educação do Campo que foram de suma importância para o desenvolvimento da minha formação profissional. À todos os professores que com muita paciência e dedicação me ensinaram não apenas o conteúdo de suas disciplinas, mas também o sentido da amizade e do respeito.

À todos meus amigos e colegas de curso no qual tive o privilégio de conhecer e estabelecer uma relação de amizade não só dentro da faculdade como fora dela também. Eles me acompanharam durante essa jornada tão árdua e ao mesmo tempo prazerosa nos tornando uma segunda família, tenho a plena certeza que carregarei a amizade de alguns em meu coração por toda vida.

“Adoro reticências... Aqueles três pontos intermitentes que insistem em dizer que nada está fechado, que não acabou que algo sempre está por vir! A vida se faz assim! Nada pronto nada definido. Tudo sempre em construção. Tudo ainda por dizer...Nascendo...Brotando...Sublimado... O que seria de nós sem a expectativa da continuação?”

(Nilson Furtado)

## RESUMO

Esta é uma pesquisa de investigação autobiográfica na qual busquei refletir e discutir sobre a importância da maternidade para mim. Constitui-se numa reflexão profunda que abarca três gerações, olhando meu papel como filha e mãe. Questões que abarcam a importância de ter tido esse suporte moral e afetivo ao longo da minha existência, estruturando-me como uma pessoa de caráter e responsabilidade capaz de enfrentar e superar qualquer obstáculo que apareça no caminho. Esta análise da construção da minha identidade acontece através do fazer artístico, onde foi realizado um Diário de Bordo envolvendo um processo coletivo entre minha mãe, minha filha e eu. Por meio de desenhos, colagens, palavras, textos, entre outros, exploramos pensamentos e sentimentos numa viagem poética ao passado, presente e futuro, refletindo a maternidade e suas ramificações. Autores como Maria Arruda Aranha, Maria Augusta Sanches e Sandra Rey me ajudam a estruturar as reflexões sobre maternidade, suporte familiar e pesquisa em Artes Visuais. Artistas como José Leonilson Bezerra Dias, Lygia Clarck e Frida Kahlo colaboram com a poética e estética no meu fazer artístico. Este trabalho me levou a construção de relatos de mim mesma como ser humano e mãe, da minha mãe e filha como inspiração, motivação e força.

**Palavras-chave:** Maternidade, Poéticas Visuais, Diário Poético.

## ABSTRAC

This is an autobiographical research in which I sought to reflect and discuss the importance of motherhood for me. It is a deep reflection that spans three generations, looking at my role as a daughter and mother. Questions that encompass the importance of having had this moral and affective support throughout my existence, structuring myself as a person of character and responsibility capable of facing and overcoming any obstacle that comes my way. This analysis of the construction of my identity takes place through the artistic making, where a Logbook was made involving a collective process between my mother, my daughter and me. Through drawings, collages, words, texts, among others, we explore thoughts and feelings in a poetic journey to the past, present and future, where motherhood and its ramifications are reflected. Authors such as Maria Arruda Aranha, Maria Augusta Sanches and Sandra Rey help me to structure my reflections on motherhood, family support and research in Visual Arts. Artists such as José Leonilson Bezerra Dias, Lygia Clark and Frida Kahlo collaborate with poetics and aesthetics in my artistic work. This work led me to build reports of myself as a human being and mother, of my mother and daughter as inspiration, motivation and strength.

**Keywords:** Maternity, Visual Poetics, Poetic Diary.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Edith José de Almeida, 2019.....	16
Figura 02 – Eu e Minha Filha, Ynaiá Almeida da Silva, 2015.....	18
Figura 03 – Eu e Minha Mãe, Edith, no Momento da Entrevista, 2020.....	24
Figura 04 – Eu e Minha Filha, Ynaiá, no Momento da Entrevista e Jogando o Jogo da Memória, 2020.....	26
Figura 05 – Folhas Corselete Para a Elaboração do Diário de Bordo, 2020.....	28
Figura 06 – Materiais Utilizados na Encadernação do Diário, 2020.....	28
Figura 07 – Construção do Diário, 2020.....	28
Figura 08 – Registro da Participação de Ynaiá, 2020.....	29
Figura 09 – Registro da Participação de Edith, 2020.....	29
Figuras 10 e 11 – Capa e Página 1 do Diário de Bordo, 2020.....	30
Figuras 12 e 13 – Páginas 2 e 3 do Diário de Bordo, 2020.....	31
Figuras 14 e 15 – Páginas 4 e 5 do Diário de Bordo, 2020.....	32
Figuras 16 e 17 – Páginas 6 e 7 do Diário de Bordo, 2020.....	33
Figuras 18 e 19 – Páginas 8 e 9 do Diário de Bordo, 2020.....	34
Figuras 20 e 21 – Páginas 10 e 11 do Diário de Bordo, 2020.....	35
Figuras 22 e 23 – Páginas 12 e 13 do Diário de Bordo, 2020.....	36
Figuras 24 e 25 – Páginas 14 e 15 do Diário de Bordo, 2020.....	37
Figuras 26 e 27 – Páginas 16 e 17 do Diário de Bordo, 2020.....	38
Figuras 28 e 29 – Páginas 18 e 19 do Diário de Bordo, 2020.....	39
Figuras 30 e 31 – Páginas 20 e 21 do Diário de Bordo, 2020.....	40
Figuras 32 e 33 – Páginas 22 e 23 do Diário de Bordo, 2020.....	41
Figuras 34 e 35 – Páginas 24 e 25 do Diário de Bordo, 2020.....	42
Figuras 36 e 37 – Páginas 26 e 27 do Diário de Bordo, 2020.....	43
Figuras 38 e 39 – Páginas 28 e 29 do Diário de Bordo, 2020.....	44
Figuras 40 e 41 – Páginas 30 e 31 do Diário de Bordo, 2020.....	45
Figuras 42 e 43 – Páginas 32 e 33 do Diário de Bordo, 2020.....	46
Figuras 44 e 45 – Páginas 34 e 35 do Diário de Bordo, 2020.....	47
Figuras 46 e 47 – Páginas 36 e 37 do Diário de Bordo, 2020.....	48
Figuras 48 e 49 – Páginas 38 e 39 do Diário de Bordo, 2020.....	49
Figura 50 – Diário de Anotações de Leonilson Dias, 1992-1993.....	54
Figura 51 – A Casa é o Corpo: Labirinto, 1968.....	55
Figura 52 – Henry Ford Hospital, 1932.....	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>RELAÇÕES AFETIVAS ENTRELAÇADAS</b> .....	14
Laços afetivos.....	15
Nasce uma mãe.....	17
Conexões entre gerações.....	19
Ramificações entrelaçadas.....	21
<b>VIAGEM POÉTICA POR VIDAS QUE SE ENTRELAÇAM</b> .....	23
Mergulhando nas histórias.....	23
Diário de bordo: viajando por memórias.....	27
Pensamentos de uma viagem.....	50
<b>DIÁLOGOS POÉTICOS: REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS</b> .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FIM DA VIAGEM?</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>APÊNDICE</b> .....	64
Apêndice A.....	65

## INTRODUÇÃO

Para conseguir chegar até aqui passei por muitas dificuldades e barreiras das quais por muitas vezes me fizeram pensar em desistir e jogar tudo para o alto sem olhar para trás, mas apesar de todos os pensamentos negativos foi um dos processos mais gostosos e cheios de riqueza, beleza e estética. Meu objetivo sempre foi o de conseguir concluir meu ensino superior para que assim pudesse ter a oportunidade de correr atrás dos meus sonhos e objetivos. Contudo, o que passei foi mais forte que eu, tive a convicta certeza de que eu precisava passar por tudo isso para que eu pudesse conquistar outros projetos de vida, até porque nada vem fácil. Tive o privilégio de vivenciar experiências que foram enriquecedoras para com minha formação tanto no lado pessoal como no profissional, experiências essas que contribuíram para me conhecer melhor não apenas como pessoa, mas também como ser humano em convívio na sociedade.

A presente pesquisa se iniciou no momento que refleti sobre a maternidade e o vínculo de mãe e filha dentro de meu cotidiano, este ponto de partida serviu para desenvolver minha pesquisa dentro do campo das Artes Visuais, possibilitando promover e desenvolver a troca de saberes e experiências entre gerações. Qual a importância que minha mãe tem diante da minha história de vida? Qual a minha percepção desta relação? Como é a minha relação de mãe para com minha filha? Quais são as impressões delas diante das relações que temos? Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a maternidade e entender as posições de mãe e filha dentro deste contexto, utilizando essas afetividades e ligações como ponto de partida para uma produção artística. Foi realizada a partir de uma investigação autobiográfica e intimista com base na importância da maternidade para mim, contendo experiências de filha como mãe e de mãe como filha.

Minha mãe, Edith José de Almeida, é um ser insubstituível e me ofereceu a base afetiva que culminou na construção da minha personalidade, ela é o primeiro laço de transmissão da minha cultura. A partir daí fui adquirindo a força necessária para viver, me desenvolver e enfrentar os obstáculos que aparecem no caminho da vida, alcançando a realização de meus projetos. Dessa forma, a presente pesquisa contribuiu para minha formação, possibilitando me conhecer mais como ser humano e como pessoa em sociedade, influenciando e sendo influenciada nas relações

sociais para que possam melhorar e progredir em sua essência de fraternidade, do respeito com as pessoas e com sua integridade. Afetividade é a capacidade de ter sentimentos por algo ou alguém estando presente em todos os momentos da vida, se relacionando diretamente com que sentimos ou expressamos como: amor, carinho, simpatia e outros. Mas não se pode definir exatamente o que seja, já que ela é estudada em diversas áreas, podemos adquiri-la através das vivências, tornando-se uma parte do processo de construção de saberes.

A análise dentro desta pesquisa “deve sempre incluir visões comparativas com realidades e experiências semelhantes em diferentes contextos, bem e malsucedidas, pois aprendemos também com os erros cometidos” (VASCONCELOS, 2002, p.148). A importância das influências na relação entre filha e mãe, mãe e filha podem contribuir no meu processo de desenvolvimento, tanto no aspecto social quanto no cultural. A compreensão de tal relação é imprescindível para começar uma argumentação com o propósito de influenciar nas relações sociais, melhorando o ambiente familiar de forma que possa resgatar a sua essência individual e coletiva.

O propósito deste trabalho, portanto, é pesquisar como a contribuição dessas relações pode servir como fator significativo para o desempenho na vida, seja ela social e/ou profissional, tomando como objeto de estudo as relações que me norteiam. Sem a presença da minha mãe e de toda a construção sociocultural que foi edificada pela minha relação com ela não teria chegado até aqui neste momento, assim como a relação com minha filha vai construir o futuro dela. Por conta da minha maternidade estas questões foram surgindo, trazendo o peso da responsabilidade de como ser mãe neste mundo, sendo a gênese para esta pesquisa. Com todo o caminhar dentro desta investigação intimista surge a produção artística de um diário coletivo entre minha mãe, minha filha e eu, contendo a experiência de ambas neste caminhar dentro das artes visuais.

Para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa utilizei a autobiografia para mergulhar em minhas lembranças e particularidades, fomentando assim meu fazer artístico.

“As tensões e ligações entre arte e autobiografia geram importantes agenciamentos a partir de experimentações que artistas estão a fazer de

suas próprias posicionalidades, seja como sujeitos em meio ao reconhecimento de suas singularidades, seja como pessoas em busca de conexões com coletividades diversas. [...] é um campo novo de pesquisa e que há muito a ser realizado e estudado” (RODRIGUES, 2021, p.100-101).

Em busca dessas conexões utilizei entrevistas para me aprofundar nas histórias de minha mãe e filha, entremeando estes relatos à momentos que minha memória salientava nessas conversas. Posteriormente, o diário de bordo surgiu trazendo essas histórias e memórias por meio de escritas poéticas, desenhos e colagens em papéis diversos, me levando a compreender melhor minha história e a importância da minha família dentro dela.

No primeiro capítulo deste trabalho intitulado “Relações Afetivas Entrelaçadas”, apresento algumas questões e reflexões acerca das relações familiares e de como elas se entrelaçam por gerações. Analiso esta construção de saberes neste processo e compreendo-as como algo de suma importância para formação do indivíduo, edificando assim uma relação de amor, afeto e companheirismo entre as pessoas. O sujeito vai sendo preparado para viver e conviver em sociedade como um ser em constante transformação, tornando-se dono de sua própria história com direitos e deveres a serem cumpridos. Alguns autores foram fundamentais para aprofundar nestas questões, como: Maria Arruda Aranha que fala da importância da educação na cultura, para que o processo de socialização permeie em todas as fases da vida humana se diferenciando do formal e informal; Maria Augusta Sanches que aborda a construção das relações afetivas e que nós somos sujeitos da nossa própria história; e Sandra Rey que reflete sobre a relação arte/vida que permite ampliar o processo de aprendizagem.

Já no segundo capítulo, “Viagem Poética por Vidas que se Entrelaçam”, apresento todo meu processo artístico que culminou no diário de bordo, enfatizando a importância de ter minha mãe presente em todos os momentos da minha vida e os desafios de ser mãe e criar essas relações com minha filha. O caminho trilhado até chegar à produção deste diário foi sendo estimulado pela relação entre estas três pessoas, vendo como cada geração se vê em si mesma e de como se vê no outro. Desenhos e escritas poéticas buscaram refletir como nós seres humanos somos capazes de viver e conviver em constante mudança e transformação social.

O terceiro capítulo chamado de “Diálogos Poéticos: Referências Artísticas” traço relações com algumas referências artísticas para uma melhor compreensão do meu trabalho e suas ramificações. Artistas como José Leonilson Bezerra Dias, Lygia Clark e Frida Kahlo contribuem de alguma forma na construção poética e estética desta produção. Seus pensamentos se entrelaçaram com os meus de maneira intimista, ampliando minhas possibilidades de percepção de mundo sendo de suma importância para o processo artístico aqui apresentado.

Nas Considerações Finais apresento o quanto esse processo foi importante para que eu me conhecesse melhor, não apenas como ser humano, mas também nas múltiplas camadas de mim mesma, transitando na condição de filha e mãe. Precisei me reajustar tanto no meu relacionamento conjugal como na situação socioeconômica, contudo, não perdi a oportunidade de descobrir e conhecer coisas novas podendo me reinventar não apenas como o ser mãe, mas também como pessoa.

“A mulher mãe é percebida como “a cuidadora” e a principal responsável pelos seus filhos, mas também pode significar uma decisão que comprova que esta mulher realmente é “corajosa” e “heroína” (BITENCOURT, 2011, p.299). Pode ser que algumas mulheres possam encontrar na maternidade uma forma de realização pessoal, apenas no intuito de sustentar o seu ego e mostrar a sociedade que cumpriu seu papel de esposa. Porém, creio que essa é uma questão muito além de só apenas demonstrar que você cumpriu com seu papel perante a sociedade. Ser mãe é uma tarefa que requer mais, envolve amor, afeto e carinho, estar disposta a mudar sua vida, seus hábitos e rotina para se dedicar apenas àquele ser que vai depender somente de sua atenção por muito tempo. Significa mudar a vida, seu pensamento e seu tempo resumindo suas práticas em outros campos de sua vida.

## RELAÇÕES AFETIVAS ENTRELAÇADAS

A família pode colaborar tanto para manter ou modificar a realidade em que vivemos sendo ela a primeira sociedade com a qual convivemos. Aprendemos uns com os outros a respeitar, compartilhar, disciplinar e lidar com os problemas que podem surgir ao longo da vida, entendendo que todos têm diferenças e temos que lidar com elas no nosso cotidiano. “É dentro de casa, na socialização familiar, que o filho adquire, aprende e absorve a disciplina para o futuro próximo, ter saúde social” (TIBA, 1996, p.178). Desse modo, as relações familiares estão sempre interligadas umas com as outras, aprendemos com as convivências e experiências do cotidiano, basta estar atento ao significado das coisas, o que nos leva a questionar e analisar o sentido das pessoas e da vida.

Porém, como afirma Maria Augusta Sanches Rossini (2001, p.16), importante pesquisadora sobre as questões da educação, “se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometido, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo ou cultura”. Na grande maioria das casas, a figura que está à frente do desenvolvimento dos filhos é a mãe (sem querer menosprezar a participação do pai), ela gera a criança em seu ventre, amamenta, dá colo, ou seja, ela está intimamente ligada à criança e cuida desta afetividade que faz a base do ser humano. Sem dúvida a mãe é de grande importância no desenvolvimento dos filhos, tem a difícil missão de preparar o indivíduo para enfrentar a vida e suas dificuldades para se tornar um ser do bem, com caráter, dignidade, essência e responsabilidade, tendo um amor capaz de ultrapassar barreiras e doando o melhor de si, se cobrando constantemente em seu papel de mãe.

Afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza, por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção (GOMES; MELLO, 2010, p.684).

Estar “afetado” envolve sentimentos que precisam estar ligados aos valores que adquirimos ao longo da vida, os mesmos podem e devem estar atribuídos a si

próprio, sendo que nos acontecimentos que surgem da vida podem passar por constantes mudanças. O sentimento do amor na relação materna é construído diariamente baseado em palavras e gestos ligado ao ato de ser mãe, podendo também ser compartilhado com os outros de forma construtiva. “A família é uma instituição social e historicamente situada, sujeita a mudanças de acordo com as diferentes relações estabelecidas” (ARANHA, 1990, p.58). É através desse afeto familiar que expressamos nossos sentimentos para com as outras pessoas que vivem e convivem conosco.

Minha família sempre foi minha base, estruturando a mulher que sou hoje. Contudo, o pilar que edificou toda esta construção foi minha mãe. Eu bem me lembro quanta coisa ela teve que passar e sacrificar para nos guiar nos caminhos da vida. Entendê-la se faz necessário para que eu possa compreender meus passos na maternidade. Afinal de contas, o que é ser mãe?

### **Laços afetivos**

Mãe é um ser único! Se refletirmos a respeito da referência que nos dá a base para construir nossos próprios passos na vida podemos dizer que a mãe, na grande maioria das vezes, é a principal. É claro que cada pessoa tem uma história de vida diferente da outra e este ponto referencial pode alterar de caso para caso, porém, na grande maioria, a mãe é o alicerce da vida de um ser humano, é uma parceria de grande importância para o desenvolvimento moral e formação do caráter do indivíduo. Nós, mães, nem sempre temos respostas para tudo, aprendemos umas com as outras trocando experiências, carregando conosco uma responsabilidade de ter que semear no coração dos filhos e filhas apenas aquilo que temos de bom. Não somos perfeitas! Cometemos erros. Contudo, perseverar com afeto e buscar caminhos para acertar fazem parte de nossa rotina.

O afeto se apresenta como um dos mais importantes sentimentos [...] Está intimamente ligada às questões de relação que reproduzem o carinho, cuidado, e até mesmo o respeito que se tem por alguém de proximidade elevada ou até mesmo uma pessoa querida e conhecida no decorrer do tempo e espaço (LUCA; ZERBINI, 2015, p.173).

Este afeto que se desenvolve com a mãe está ligado a cada indivíduo e, ao inserirem-se na sociedade, ele começa a fazer parte de outros grupos e instituições, como a família, a escola, a igreja, entre outros. Essas relações formam uma grande teia de conhecimentos que passam a fazer parte do cotidiano de cada indivíduo. Todos nós vivemos em sociedade, cada um com suas diferenças, opiniões, crenças e religião. Qual seria a graça do mundo se todos nós fossemos iguais? Não teríamos o que discutir e aprender com os pensamentos uns dos outros. Para o historiador e professor Leandro Karnal, “somos sozinhos e morremos sozinhos, somos absolutamente irrelevantes diante do universo”<sup>1</sup>. Claro que somos sós, mas nem por isso deixaremos de sentir que somos importantes para alguém. Estes laços são construídos ao longo da vida e a mãe costuma ser a principal conexão que teremos, com isso criamos nossa base relacional.

Mãe é uma palavra tão pequena, mas com uma representação infinita e um amor diferente de todos os outros no mundo. Minha mãe, Edith José de Almeida (Figura 1), é a única pessoa em quem me espelho e confio de olhos fechados, é a pessoa mais importante na minha vida. Ela quem me gerou e me deu à luz, quem me ajuda nos momentos que mais preciso e me proporcionou a base afetiva que precisei ao longo da minha vida, colaborando com meu desenvolvimento social sendo essa a primeira ligação da minha cultura.



Figura 01 – Edith José de Almeida, 2019. Fonte: arquivo pessoal.

---

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre os pensamentos de Leandro Karnal, visite o site: <[https://www.pensador.com/autor/leandro\\_karnal](https://www.pensador.com/autor/leandro_karnal)>. Acesso em: novembro de 2020.

Minha mãe é minha rainha e a pessoa mais importante na minha vida, não apenas pelo ser humano que é, mas também pela mulher forte, determinada e batalhadora. Vendo todos os sacrifícios que minha mãe teve ao longo de sua vida, me senti na obrigação de agarrar todas as oportunidades que tive, esta foi a maneira que encontrei de dar a ela a realização dos objetivos de sua vida, me tendo como um espelho dela própria e também para que se orgulhasse de mim. Essa formação de laços afetivos entre nós se iniciou desde o instante que ela recebeu a notícia que ia ser mãe. Esta fase da vida é um processo único e mágico que a mulher vive. Através dos ensinamentos, da dedicação e amorosidade de minha mãe, encontrei em mim o desejo e a vontade ser mãe. Quais seriam meus desafios ao trilhar este caminho?

### **Nasce uma mãe**

Ser mãe para mim foi à melhor coisa que já me aconteceu, é uma experiência única e significativa onde tive oportunidade de conhecer o que considero o verdadeiro amor, tão grande quanto o que sinto pela minha mãe. É surpreendente como somos capazes de gerar um ser tão indefeso e adquirimos a capacidade de mudar o mundo dele. “Os sentimentos predominantes são de alívio por ter obtido êxito, gratidão pelo fato de o filho ter nascido, êxtase por ele ser normal e uma sensação gloriosa de querer criar e abraçar aquela criatura pequenina e dependente” (ELZIRIK; BASSOLS, 2001, p.35).

Não há um livro de receitas que nos ensina a ser mãe, esta experiência vai se adquirindo com o tempo, conforme se vive. A relação entre mãe e filha é contínua, passando por mudanças em fases diversas como a adolescência, a juventude, o casamento e até mesmo a velhice, sendo de extrema importância para ambas. Esses momentos que surgem na vida podem tanto fortalecer como também enfraquecer o relacionamento entre as duas, sendo o diálogo essencial para a construção dessa união e afeto, onde uma depende da outra. Será que eu conseguirei encarar essas responsabilidades?

A maternidade e as virtudes que ela pressupõe não são evidentes. Nem atualmente, nem no passado, quando ela era um destino obrigatório. Optar por ser mãe não garante como inicialmente se acreditou uma melhor maternidade. Não apenas porque a liberdade de escolha talvez seja um embuste, mas também porque ela aumenta consideravelmente o peso das responsabilidades em um tempo em que o individualismo e a “paixão de si” nunca foram tão poderosos (BADINTER, 2011, p.24).

Com o nascimento da minha filha, surgiu também algo totalmente inovador para mim como mulher (Figura 2), quando olho para minha filha vejo uma parte de mim nela.



FIGURA 02 – Eu e minha filha, Ynaiá Almeida da Silva, 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Após a maternidade consigo compreender melhor minha mãe e ver o quanto ela superou dificuldades para educar suas filhas e formá-las com caráter e personalidade. Espelhada nela, aprendo a ter responsabilidades e sabedoria para educar minha filha e assim ajudá-la a desenvolver seu caráter, como ressalta Ricardo Antunes, professor de sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (2005, p.53):

Ajudar a criança a construir um bom caráter é a mesma coisa que ajudá-la a desenvolver sua consciência do erro e do acerto. Caráter e consciência expressam a visão que ela possui de si mesma e aproxima-se muito do sentimento de autoestima. É por essa razão que a educação do caráter é importante.

Como explica o autor, é importante proporcionar na criança o seu desenvolvimento através da educação, agindo na formação de caráter dela. Nós, pais e mães, somos espelhos para nossos filhos, eles aprendem e se desenvolvem através de nossos ensinamentos. Uma casa é construída com cimento e tijolos, o lar é uma construção de princípios e valores. Nosso lar nem sempre é onde moramos, mas sim o lugar onde nos sentimos bem.

### **Conexões entre gerações**

No ano de 2015 entrei no curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em Arraias, região sul do estado. Ele foi criado a partir de conquistas do Movimento Nacional de Educação do Campo com o intuito de atender e desenvolver uma pedagogia educacional voltada para as necessidades de camponeses, quilombolas e/ou indígenas. É um curso que forma professores para ministrar aulas em defesa de uma educação inclusiva aos povos do campo e que respeite sua realidade, suas lutas, suas práticas e sua cultura, estabelecendo assim uma escola diferenciada e compreendendo o campo como lugar de vida (CARVALHO, 2016).

Nesta época, minha filha tinha apenas 2 anos de idade e dependia muito de mim. Por conta disso pensei até em desistir da minha graduação, pois seria muito difícil conciliar os estudos com a educação dela, já que ficaria boa parte do dia todo fora de casa. Ao me perceber nesta encruzilhada, a frustração me tomou. Contudo, minha mãe me deu forças para encarar este momento e foi minha base para esta caminhada, ficando com minha filha e me ajudando nos momentos difíceis. Lutei para realizar o curso na UFT e assim honrar o sonho dela através do meu esforço. Este suporte foi de suma importância para este momento de minha vida. “A rede de apoio é uma estrutura que dá suporte a algo ou alguém e pode ser composta por pessoas que convivem com a família. Surge da necessidade ou dificuldade do

cotidiano e contribuem para a criação dos filhos” (RAPOPORT; PICCININI, 2006, p.86).

Com esta situação, a relação entre filha, mãe, neta e avó se adensaram, aprofundando uma conexão entre gerações. São sentimentos que não se definem em palavras, mas sim em gestos do dia a dia. A avó torna-se mãe novamente, minha filha passa a ter duas bases maternas e eu sou o amálgama das duas, mãe e filha ao mesmo tempo. O caminho foi árduo, contudo, Dona Edith sempre me amparava: “aproveita para correr atrás dos seus estudos enquanto eu tô viva e posso te ajudar” (informação verbal)<sup>2</sup>. Com a força dela e minha filha como inspiração, consegui vencer barreiras e estar aqui neste momento.

Esse encontro de gerações é de extrema importância para mim. Ao mesmo tempo que carrego os ensinamentos passados por Dona Edith, sinto uma responsabilidade em repassá-los como mãe. Olhar para minha mãe e ver em seus olhos a compreensão do que passei e passo no dia a dia mostra o espelho que ela é para mim. Ao me ver nos olhos de Ynaiá, penso se estou sendo o espelho ideal para minha filha ter a estrutura necessária de encarar o mundo. Os entrelaces destas gerações mostra que o respeito e a cumplicidade entre nós são os valores mais importantes. E não para por aí! Hoje faço uma viagem ao passado, revivendo emoções, sensações e expectativas de 8 anos atrás. Estou grávida novamente, esperando um menino que ainda não tem nome, mas já entra nessa teia afetiva. Ynaiá é a mais ansiosa pela chegada do irmãozinho e vive fazendo planos para as aventuras dos dois. É um privilégio receber esta energia novamente e estou me preparando para os novos desafios.

Através do meu papel dentro da maternidade foi surgindo a oportunidade de experimentar, vivenciar reconhecer todos os dias o mais íntimo dos sentimentos da minha filha, assim como será do meu futuro filho. Quais suas necessidades? Seus desejos? Seus sonhos? Cada descoberta é um universo que se abre diante desta experiência, vivo com ela todos esses momentos e viverei os que ainda estão por vir. Posto isso, como trabalhar estas conexões dentro das Artes Visuais para que isso fique registrado no espaço e tempo?

---

<sup>2</sup> Fala cotidiana de minha mãe gravada em minha memória.

## Ramificações entrelaçadas

A arte é uma necessidade do ser humano e é uma das formas para expressar os sentimentos e emoções. Através dela podemos trabalhar nossa visão de mundo, gerar e compartilhar experiências, criar mecanismos de conscientização, etc. A arte está presente em todas as culturas existentes em nosso meio passando por constantes transformações ao longo do tempo. Trabalhar com a arte numa procura de si próprio dentro da academia é algo que nos dá o caminho para saberes que não exploramos, pois “aquele que elabora uma investigação teórica em meio à conclusão do curso idealiza sua arte como prática para realização do seu conhecimento” (REY, 1996, p.82).

Podemos acessar a informação de qualquer ser que existe, existiu ou existirá. Dele, pode-se experimentar sua visão de mundo, capacidades, talentos, pensamentos, sentimentos, desejos, enfim, toda a personalidade ou parte dela, como se queira. Assim enriquecemos nossa consciência ou inúmeros conhecimentos e experiências, sem limite de espaço, tempo e dimensão (COUTO, 2015, p.60).

A arte é um processo humano que se dá através das experiências praticadas pelo indivíduo, dando sentido à vida e a realidade. A definição de arte é bastante complexa e tentar fechá-la em uma caixa de significados não é assim tão simples. Contudo, o importante para esta pesquisa é que “a prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado a uniformização dos comportamentos” (BOURRIAUD, 2009, p.13). Para Sandra Rey (1996, p.89), importante artista e pesquisadora na área de Artes Visuais, a “arte é um jogo, não como algo determinado por regras estabelecidas a priori, mas um jogo onde as regras são inventadas e transformadas à medida que a obra se faz”. Ou seja, não existe forma certa ou errada do artista se expressar dentro do seu processo artístico, muito menos diretrizes que indiquem o caminho.

Seria possível um mundo onde não houvesse a arte como forma de expressão? Com certeza o mundo seria monótono e homogêneo, sem a pluralidade de visões e experiência que temos nos dias de hoje. Diferentemente das outras áreas de conhecimento, a arte mostra uma forma diferente de lidar com a realidade, como afirma Rey (1996, p.83):

Se na ciência os pesquisadores e cientistas costumam trabalhar em bloco, e se empenham na decodificação de fatos e interpretação de conceitos que permitam organizar o entendimento da realidade e descobrir princípios que regem o mundo e o universo, na arte, o artista segue ou inventa certo número de regras que lhe permitem criar uma visão do mundo singular.

É através da arte que podemos ver o mundo de maneira intimista e particular. Com estes apontamentos uma inquietação surgiu: como trabalhar dentro das Artes Visuais essa relação de amor, cumplicidade e dedicação deste ser chamado mãe? Pensando neste viés intimista que envolve minha proposta, o diário se apresenta como um caminho de maior diálogo com estas questões particulares e subjetivas dessa ligação entre minha mãe, minha filha e eu.

O diário para mim é algo íntimo e pessoal, onde podemos colocar nossas experiências de vida, sensações, segredos e sentimentos do cotidiano, tornando-se um memorial da história de quem escreve. Quando adolescente eu usava uma agenda velha de diário para anotar meus segredos, pensamentos e descobertas do dia a dia. Retomo este velho hábito como caminho para meu fazer artístico e embarco neste processo como uma nave espacial que viaja pelas minhas memórias. Minhas percepções e anotações serão os registros de bordo dessa viagem ao passado, resultando no memorial de Edith, Ynaiá e Lilian.

Olhar para este fazer artístico é refletir sobre a importância da minha mãe em minha vida e como minha relação com ela refletiu no meu papel de mãe. Analisar também as ligações entre as gerações, tendo minha filha ponto de partida para pensar o meu próprio papel de filha de Dona Edith. Estas inquietações afetivas e cotidianas foram à bússola norteadora deste processo artístico, sendo desenvolvida conforme o contexto do dia a dia. Minha pesquisa busca refletir de que forma a contribuição dessas relações familiares me ajudaram na vida pessoal, social e profissional. É um relato de mim mesma como mãe e filha ao mesmo tempo, e de como estes seres se ligam a mim através de outras pessoas, personificadas em Edith e Ynaiá. “Ao elaborar sua obra, o artista descobre a si mesmo” (REY, 1996, p.87). A produção deste diário artístico mistura diferentes vivências entrelaçadas em espaços e tempos diversos. Passado, presente e futuro se amalgamam constituindo minha poética.

## **VIAGEM POÉTICA POR VIDAS QUE SE ENTRELAÇAM**

A história de uma pessoa é fonte essencial dentro da cultura que o cerca, se modificando ao longo das experiências vivenciadas pelo sujeito ao longo de sua existência e transmutada ao se encontrar com outras histórias que evoluem essa cultura que nos cerca. Eu poderia ter falado sobre minha família no geral, contudo meu principal foco não era esse, mas sim o de olhar para mim mesmo valorizando a conexão com minha mãe e filha. Este trabalho é uma homenagem à Edith e Ynaiá, que tanto me ajudaram neste caminho da graduação. Meu diário foi sendo construído baseado nas vivências e experiências do cotidiano com minha mãe e filha. Nesta investigação atuei como pesquisadora e como objeto de pesquisa numa ação individual de descobertas, mas que em sua essência tornou-se um processo coletivo na construção deste caminhar artístico.

Dentro dessa perspectiva, Howard Saul Becker (1994, p.109), sociólogo americano, afirma que “a história de vida é mais do que qualquer outra técnica”, portanto, busco compreender as questões que abrangem o campo das histórias de vida que me cercam, onde assumirei a tarefa de narradora e catalisadora de minha própria história. Falar sobre maternidade é o ponto crucial da minha pesquisa, pois trata-se de um momento transformador. As relações que se ramificam entre mulher, filha e mãe são como um exercício de reinvenção afetiva, uma experiência extraordinária que somente nós mulheres temos a felicidade de ter. Apesar de ser uma tarefa árdua, cheia de desafios e surpresas, é um período de muitas alegrias e grandes descobertas. Passamos por intensas mudanças de humor, aparência, privação do sono, sensibilidade, entre outras. Enxergar a maternidade como um processo de autoconhecimento se tornou necessário, colocando este fazer artístico não apenas como uma homenagem à Edith e Ynaiá, mas também como uma valorização de mim mesma neste contexto.

### **Mergulhando nas histórias**

Para entrar no fazer artístico usei entrevistas como ponto de partida, as informações e diálogos que surgiram neste processo serviram de base para minha

produção. Nossas histórias foram contadas num processo intimista, “a história de vida pode ser tratada como uma técnica de captação de dados ou como documento” (HAGUETE, 2003, p.69). Estes dados me fizeram refletir sobre escolhas na vida, a relação com minha mãe e filha e a ajuda que recebi nesta caminhada dentro da universidade. “A coleta de dados se dá em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de relações e ocultamentos” (CHIZZOTTI, 2000, p.84).

A primeira entrevista aconteceu com minha mãe, ela estava muito acanhada e não consegui desenvolver uma dinâmica agradável. Com algumas orientações do professor Don Gomes Alves, orientador dessa pesquisa, fiz uma segunda tentativa, deixando a dinâmica mais solta, como um bate papo cotidiano (Figura 3).



FIGURA 03 – Eu e minha mãe, Edith, no momento da entrevista, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Nesse diálogo com minha mãe acabei sabendo de fatos desconhecidos por mim de sua vivência. Ela sempre foi uma mulher muito reservada, não queria compartilhar suas frustrações e decepções, não sei se por vergonha ou por ter sido essa sua criação. Desde sua infância passou por muitas dificuldades, o que a impediu de correr atrás dos seus sonhos. Na sua infância não teve brinquedos e nem podia brincar até terminar suas obrigações, por morar na roça, tinha de ajudar o pai a plantar e colher. Na adolescência mudou-se para Brasília e foi trabalhar na casa de uma família de conhecidos de minha avó, com isso, não conseguiu estudar, pois cuidava da casa e das crianças dessas pessoas. Tempos depois, ela conheceu meu pai e se casaram. Assim surgiu minha família, passamos por altos e baixos

como qualquer outra, mas sempre pudemos contar uns com os outros. “A grande arte da família é manter-se família [...] é continuar promovendo o desenvolvimento, a mudança e permanecer sendo família” (PAROLIN, 2007, p.38).

Em nossos diálogos descobri que ela abandonou o sonho de cursar uma faculdade para se tornar professora por conta do trabalho na adolescência, uma vez que não lhe sobrava tempo para se dedicar aos estudos. Fiquei surpresa e indignada quando minha mãe relatou esse ocorrido, pois esse “trabalho para conhecidos” tomava o tempo de minha mãe e não era remunerado. Isso caracteriza um trabalho infantil escravo (MATOS, 2015), condição que minha mãe não tem consciência de ter passado. Em minha região, situada na parte norte do estado de Goiás e na divisa com o estado do Tocantins, essa prática de pegar crianças de famílias mais carentes com a promessa de cuidados e oportunidades melhores para elas, perpetrada por famílias com melhor condição financeira, para depois fazê-las de empregadas domésticas infelizmente é comum. Esse sistema é prejudicial às crianças, visto que “estes indivíduos ficam isentos de formação escolar, desenvolvimento saudável e exercício de cidadania, gerando reflexos negativos geração após geração, observados até nos dias atuais” (MATOS, 2015, p.16). O trabalho infantil escravo é uma difícil realidade para famílias carentes que se veem à margem da sociedade, carregando questões que impactam na construção do indivíduo até os dias de hoje. Isso me traz um profundo sentimento de angústia pelo que minha mãe passou, contudo, valorizo-a ainda mais por não ter permitido que eu passasse por isso.

Apesar de tudo, Dona Edith obteve forças para concluir o ensino médio e teve o privilégio de trilhar esse caminho ao lado dela. Com muitas dificuldades por conta dos anos afastada da escola, ela conseguiu concluir essa etapa da vida. Mesmo com meu incentivo para ela continuar os estudos na faculdade, com seu jeitinho meigo e doce, ela me respondeu: “não conseguiria ir, além disso, já não tenho mais cabeça. Deixa esse sonho para vocês, minhas filhas” (informação verbal)<sup>3</sup>.

Compreendendo o universo de Dona Edith, o próximo passo foi ver o mundo através dos olhos de minha filha. A entrevista com Ynaiá foi mais descontraída, pois as crianças são mais espontâneas e veem os acontecimentos com maior leveza. Ela

---

<sup>3</sup> As entrevistas com Edith José de Almeida, aqui citadas, foram realizadas em junho de 2021. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice A – entrevistas.

afirmou que adora me ajudar com os afazeres da casa, mas seu momento favorito é brincar por meio de jogos diversos comigo (Figura 4).



FIGURA 04 – Eu e minha filha, Ynaiá, no momento da entrevista e jogando o jogo da memória, 2020.  
Fonte: arquivo pessoal

Esses momentos de brincadeira, descontração e diversão com minha filha são valiosos e trazem alegria, principalmente para Ynaiá, já que as brincadeiras fazem com que as crianças possam conhecer a si mesmas e o outro, tonando-se autoconfiantes para as relações da vida. Uma surpresa foi saber que ela quer ser veterinária quando crescer. “Quero estudar igual você mamãe para ajudar os animais e fazer eles ficarem bons” (informação verbal)<sup>4</sup>. Aprendo muito na minha relação com Ynaiá e acabo me enxergando nela. Saber que ela me vê como um espelho para prosseguir nos estudos é motivo de muito orgulho, alegria e realização. Consegui ser uma inspiração para ela crescer e se desenvolver na vida.

Ao ser questionada sobre a minha ausência para os estudos, Ynaiá é categórica: “Eu sinto muita falta... mas a senhora tem que ir pra faculdade, né mãe” (informação verbal)<sup>5</sup>. Estar com a avó Edith conforta o coração de minha filha. “A vovó é um presente que Deus me deu” (informação verbal)<sup>6</sup>, relata Ynaiá. Ela compreende e vê a importância deste momento em nossas vidas, contudo, ainda sente a saudade que aperta o peito.

<sup>4</sup> As entrevistas com Ynaiá Almeida da Silva, aqui citadas, foram realizadas em julho de 2021. Para maiores informações, ver roteiro das entrevistas no Apêndice A – entrevistas.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

Essas entrevistas enfatizaram o quanto minha família é importante para mim e tem sido a base fundamental para seguir no caminho da formação docente. Existe um aprendizado mútuo entre as gerações, relações que se fomentam pela ligação amorosa que temos umas com as outras. São experiências, sensações, pensamentos, sentimentos, desejos e segredos que se entrelaçam. O diário de bordo vem para criar um registro desse amálgama de mães e filhas, amarrando essas percepções em algo único que transcenderá o espaço e o tempo.

### **Diário de bordo: viajando por memórias**

As experiências que tivemos pela vida ficaram gravadas em nossa memória e precisam ser reviradas de vez em quando para virem à tona. Certa vez me disseram que os bons momentos da vida não são calculados pelos segundos respirados, mas sim pelos quais perdemos a respiração. “A experiência vivida pelo receptor pode variar muito de acordo com as características da matriz que ele recebe e na dependência de vários fatores, como o seu grau de consciência e sensibilidade para perceber mudanças sutis que advêm do processo” (COUTO, 2015, p.7).

A produção do diário de bordo iniciou a partir de desenhos e escritas poéticas das minhas vivências no cotidiano. Comecei usando papéis comuns que estavam ao meu alcance, porém, senti a necessidade de usar papéis coloridos e com gramaturas maiores, deixando o diário mais forte, tanto fisicamente quanto poeticamente. Portanto, passei a usar o papel Corselete, 30 x 22 cm, e materiais diversos para produzir, desde lápis, colagem, canetas, tintas e linhas de costura (Figuras 5, 6 e 7).

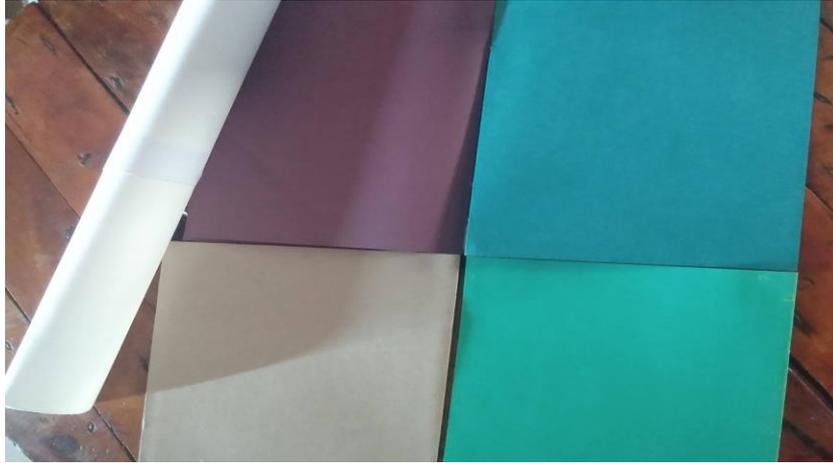


FIGURA 05 – Folhas corselete para a elaboração do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 06 – Materiais utilizados na encadernação do diário, 2020. Fonte: arquivo pessoal.



FIGURA 07 – Construção do diário, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

No caminhar da minha produção deixei a imaginação fluir e assim surgiram as primeiras composições do diário de bordo. À medida que os rascunhos surgiam, a produção ganhava corpo e o prazer de me envolver neste fazer artístico crescia. Com o andamento da produção artística, minha filha sentiu vontade de fazer parte na construção do diário de bordo e começou a traçar alguns rascunhos soltos (Figura 8). A partir dos desenhos dela, fiz algumas intervenções com texto ou reforçando alguns traços para valorizar a percepção de mundo dela.



FIGURA 8 – Registro da participação de Ynaiá, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Tive a ideia de incluir minha mãe nesse momento, pós muita insistência e de convencê-la de que a estética do desenho não era primordial, mas sim a expressividade que estamos construindo juntas, consegui envolvê-la um pouco no fazer artístico (Figura 9), com pequenas intervenções minhas nas composições.



FIGURA 9 – Registro da participação de Edith, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

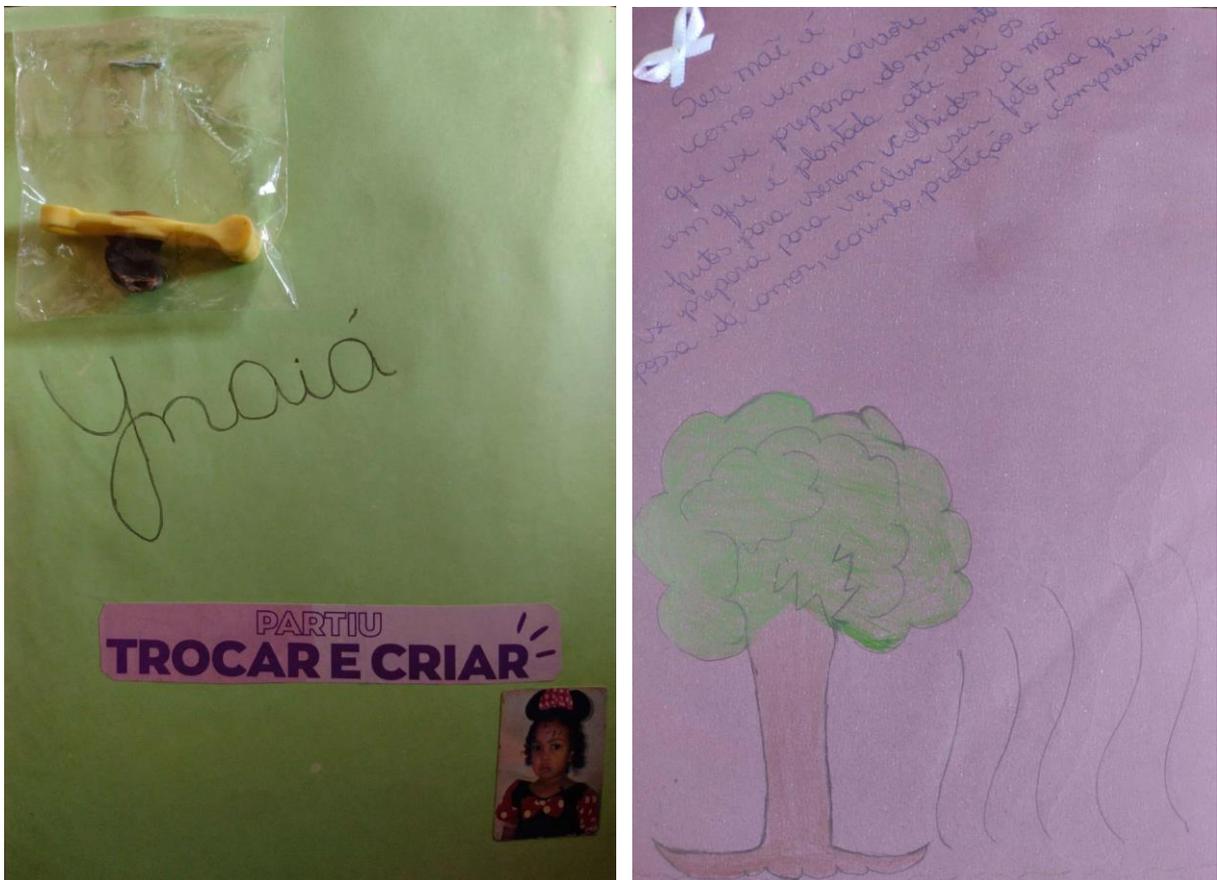
As contribuições de minha mãe e filha foram pontuais, ficando grande parte do fazer artístico para ser elaborada por mim mesma. Contudo, envolvê-las em um processo fruto dos meus estudos foi a catarse de toda esta trajetória dentro do curso de Educação do Campo da UFT. Com Edith e Ynaiá a bordo surgiu o diário dessa viagem maravilhosa de mães e filhas pela vida.

A primeira composição me mostra abraçada à minha filha recém-nascida, ela representa todo meu sentimento nesse momento que vivi, expressando o amor e ternura nesse abraço envolvente. Essa conexão entre mãe e filha é algo precioso para mim, é uma alegria imensa ter a possibilidade de gerar uma vida dentro de meu ventre. O processo dessa imagem foi tão potente que resolvi usá-la como capa do diário (Figura 10). Na página 1 apresento recortes dos ultrassons feitos no decorrer da minha gravidez mostrando o quanto minha filha era aguardada. Os traços realizados em tinta azul são representações das contrações que senti ao longo da gestação. Ynaiá ficou feliz ao se ver, mesmo quando ainda não tinha sexo definido e nem sabíamos qual seria seu nome (Figura 11).



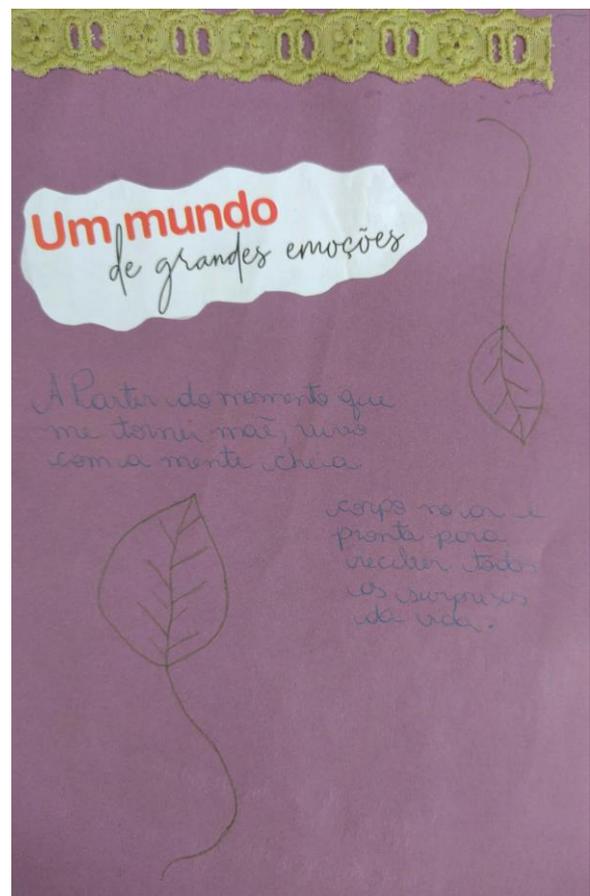
FIGURAS 10 e 11 – Capa e página 1 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Na página 2 apresento outro momento da minha relação com Ynaiá, colocando parte do seu cordão umbilical no diário de bordo. Estacionamos nossa nave no momento em que dei luz. Curiosa, ela perguntou o que era esse elemento guardado. Respondi que era parte do cordão que nos ligou por nove meses. Costurei essa nossa ligação nesta página como quem cria reconexões de amor. Esta página também representa os desafios de criá-la com toda dedicação de uma nova mãe, que aprende em conjunto nessas trocas de experiências (Figura 12). Na página seguinte é o momento que Ynaiá se anima em participar da construção do diário de bordo. Ela entra nesta nave espacial e me acompanha nos registros dessa viagem pelas memórias. Minha filha desenha uma árvore para me representar nesse processo. Ao perguntar o porquê dessa representação, ela responde que se vê como uma fruta dessa árvore. Consigo me ver nesta representação por ter crescido com os ensinamentos e proteção de minha mãe, como uma árvore que é plantada com cuidado, cresce e aprofunda suas raízes para depois dar seus frutos. Com isso complemento a composição com um texto que partiu dessa reflexão (Figura 13).



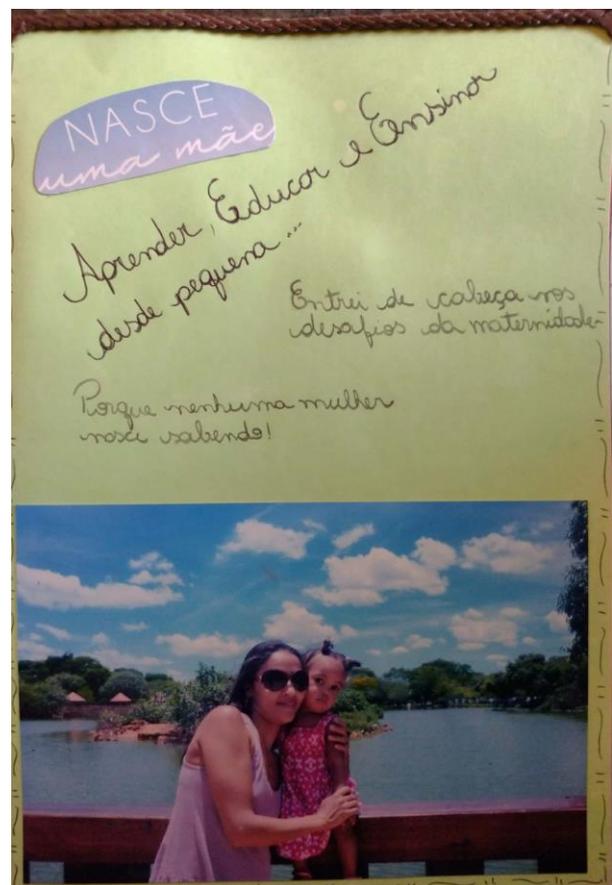
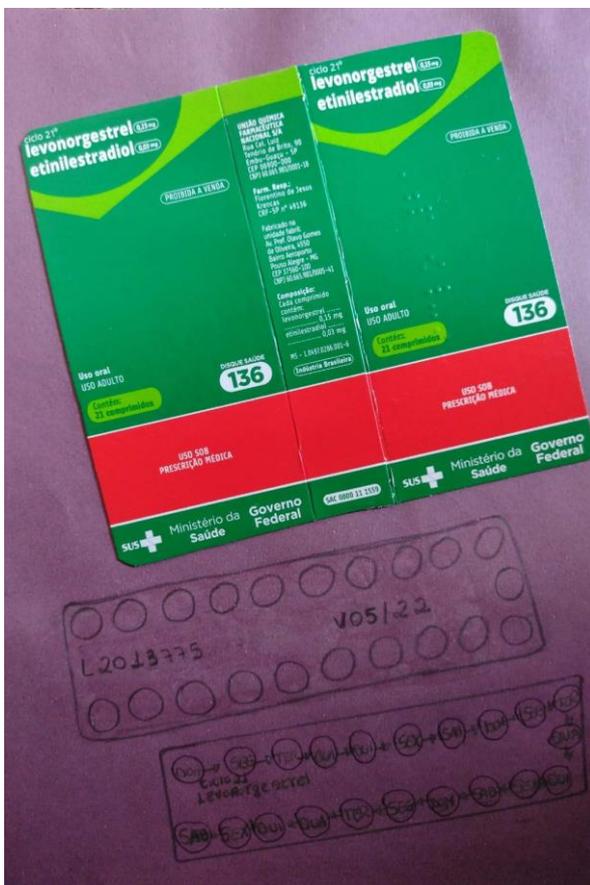
FIGURAS12 e 13 – Páginas 2 e 3 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Na página 4 deste diário de bordo demonstro o grande amor que tenho pela minha filha, capaz de gerar momentos mágicos e únicos para nós. O galho que se ramifica, abrindo suas folhas verdes representam a vida que se transforma e cresce no dia a dia. Meus planos e sonhos se modificaram com o nascimento de Ynaiá e hoje meu maior objetivo é ver meus filhos com saúde, crescendo no caminho do bem e se tornando sujeitos de caráter (Figura 14). A página 5 complementa a anterior, onde estas ramificações aumentam mostrando as experiências que crescem na relação de mãe e filha. Mostro também que a partir do momento que me tornei mãe vivo num mundo de emoções onde as surpresas são inevitáveis e transformadoras (Figura 15).



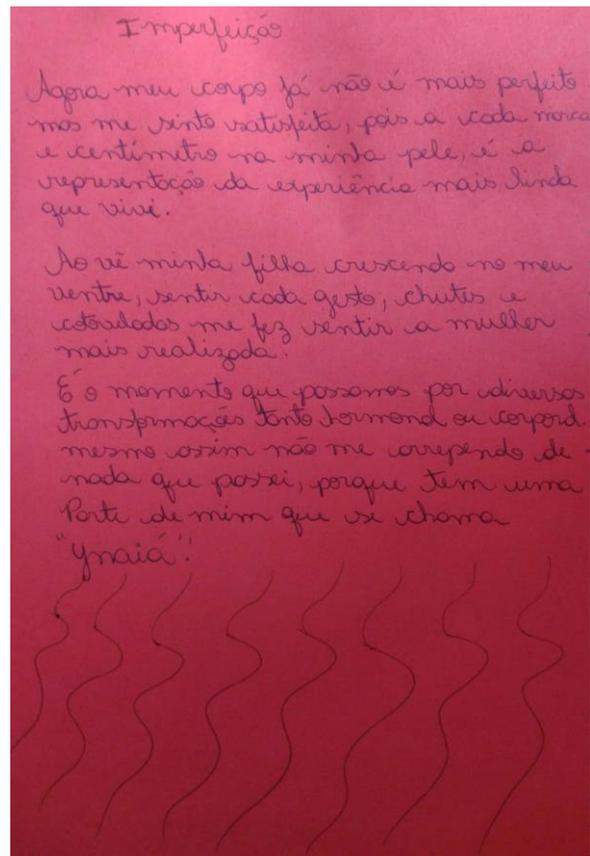
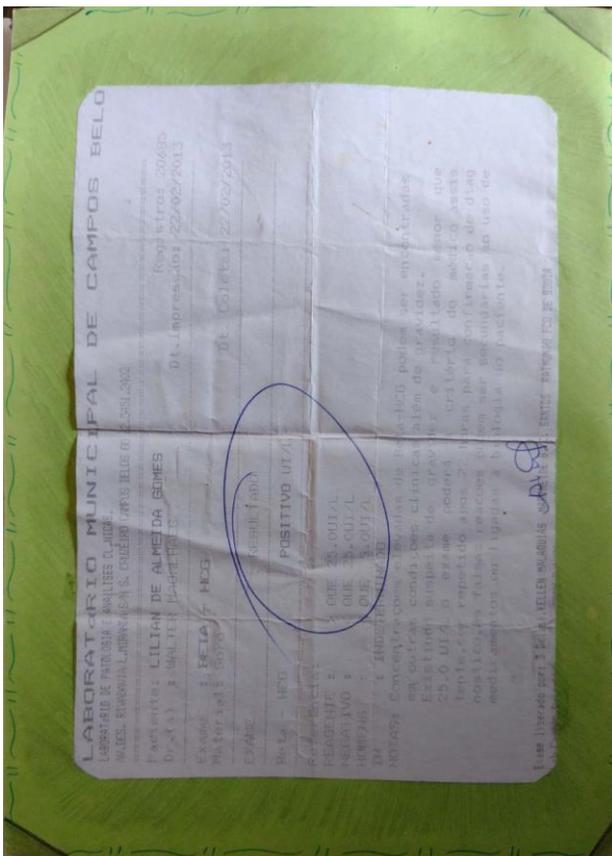
FIGURAS 14 e 15 – Páginas 4 e 5 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Para a composição da página 6 trouxe a caixa e o desenho das cartelas do que precisei tomar para me prevenir de gravidez nos últimos anos. Me lembro dos enjoos que sentia só de imaginar tomar aquele comprimido todos os dias. Esta caixa representa a decisão de esperar o momento certo para ser mãe novamente. E este dia chegou (Figura 16). Na página 7 nasce uma mãe que encara todos os desafios da maternidade, pois não há fórmulas mágicas que ensinam o caminho das pedras. A cada dia um novo aprendizado. Ao olhar a foto que coloquei no diário me pergunto: estou no caminho certo para a criação de minha filha? Só o tempo dirá (Figura 17).



FIGURAS 16 e 17 – Páginas 6 e 7 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Nossa nave pousa na página 8 onde coloquei o resultado do meu exame de Beta HCG<sup>7</sup>. Esse foi um momento de muita emoção: meu coração acelerou, as mãos começaram a transpirar e a ansiedade de saber o resultado era grande. Ao ver o diagnóstico positivo a alegria tomou conta de mim. Ao explicar esse documento e o porquê estava colocando-o no diário de bordo, Ynaia espontaneamente riscou as laterais da página dizendo que isso era a energia que senti no dia. Essa ação dela foi muito significativa para mim, representando a compreensão dela dos meus sentimentos (Figura 18). Na página 9 realizo um relato poético sobre as transformações que surgiram no meu corpo com a gravidez. As linhas abaixo do texto representam as estrias que apareceram e ficaram, marcas da minha evolução como mulher e mãe. Cada centímetro marcado em minha pele significa a experiência mais linda que vivi (Figura 19).



FIGURAS 18 e 19 – Páginas 8 e 9 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

<sup>7</sup> O exame Beta HCG é realizado através de uma coleta de sangue e é o indicado para identificar a gravidez de uma mulher. Para maiores informações visite o site: <<https://laboratorioexame.com.br/saude/exame-beta-hcg>>. Acesso em: janeiro de 2022.

Na página 10 apresento o documento do processo seletivo do curso de Educação do Campo, na cidade de Arraias, Tocantins, no ano de 2015. Foi um momento inusitado, pois fiquei sabendo da inscrição através de minha irmã e era algo que não estava planejado. Já havia feito outras tentativas de ingresso na universidade, porém todas frustradas. Foi uma surpresa enorme saber que tinha conseguido dar esse passo na minha vida. Fui tomada por uma mistura de sentimentos: a felicidade da conquista, a apreensão por novas experiências e a preocupação com minha filha. Esse documento representa o momento de ajuda da minha mãe, que me deu forças no momento difícil e me amparou com os cuidados de Ynaiá (Figura 20). A composição da página 11 foi rascunhada por Dona Edith, representando brinquedos de sua infância que eram construídos por ela. Usava sabugos de milho para brincar de boneca, copinhos como panelas e pedaços de pau para fazer a enxada. Ajudei ela nas composições e inspirada em suas histórias escrevi um texto poético sobre sua infância. O que marca nesse momento de nossa viagem é o sorriso de Edith ao falar da sua história (Figura 21).

50695  
Situação da inscrição: A CONFIRMAR

Processo Seletivo - Vestibular Educação do Campo 2015 - UFT

Nome: LILIAN DE ALMEIDA GOMES  
Educação do Campo (Licenciatura):  
Habilitação em Artes Visuais V

Curso pretendido: Música  
Módulo: Arraias

Turno do Curso: Matutino  
Cidade do Curso: Arraias

Semestre de Início: 2º Semestre  
Língua Estrangeira: Espanhol

Documento de Identidade: 2807458  
CPF: 03147421155

Data de Nascimento: 09/12/1988  
Sexo: Feminino

Celular: 6295603.7774  
E-mail: lilianalmeida2011@hotmail.com

Endereço: rua 02 quadra 15 lote 05  
Bairro: Buritis  
Cidade: Campos Belos  
Estado: GO

Telefone: (62)8201  
CEP: 73840-000  
Estado: GO

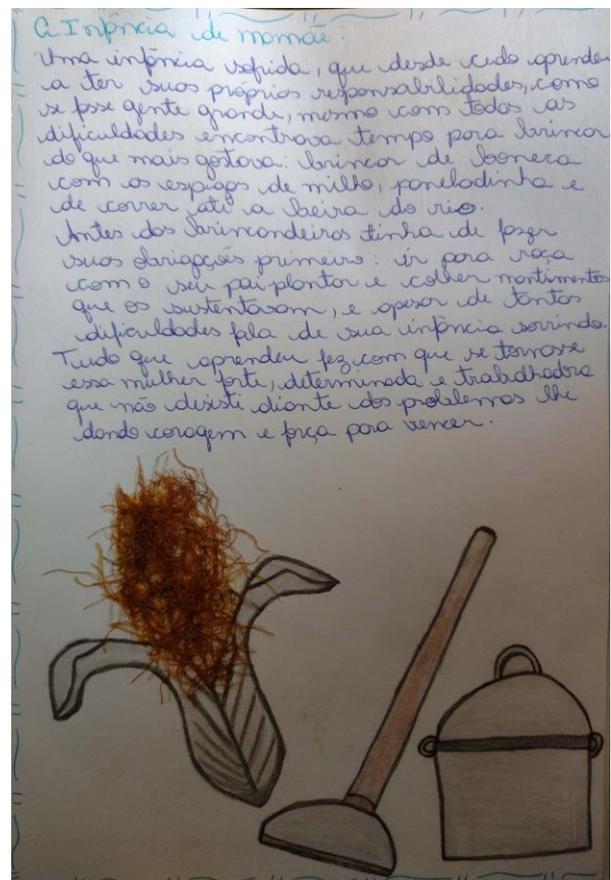
Cidade onde deseja fazer a prova do vestibular: Arraias

Necessário de atendimento diferenciado (Leia o item 6 do Edital): Não

Declaro que estou ciente das exigências contidas no Edital

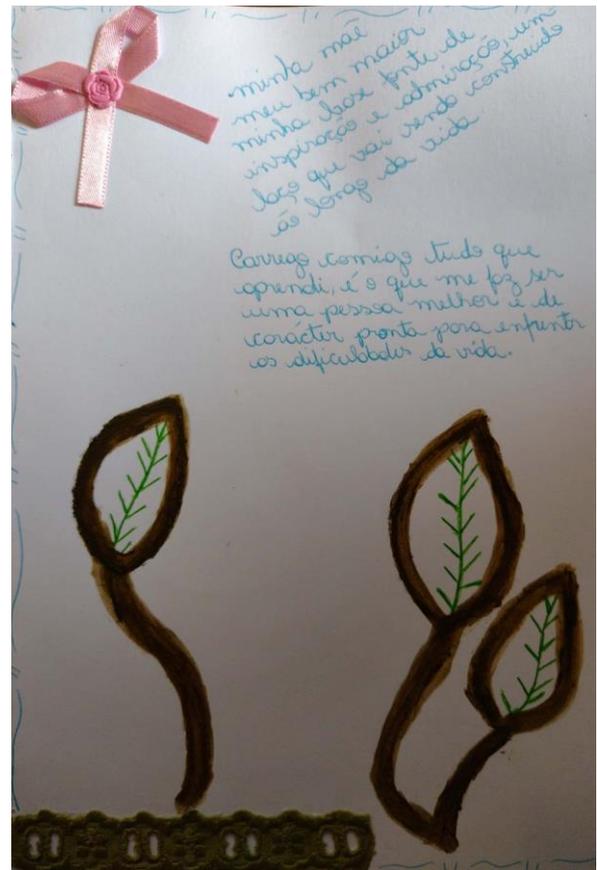
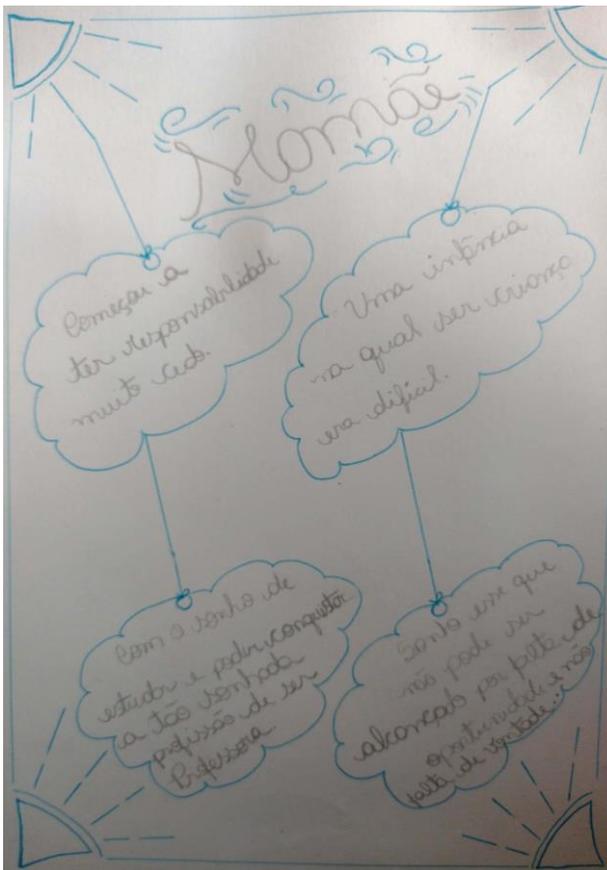
Cota: Universal

Inscrição feita On-line



FIGURAS 20 e 21 – Páginas 10 e 11 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Uma parada na viagem para falar de Dona Edith na página 12. Junto com ela, desenhamos suas fases de vida usando a representação de nuvens, como se voássemos pela imaginação dela por meio de suas histórias. Descrevemos cada momento importante que definiu o caminhar dela nesse mundo. Todos esses elementos e escritos se ligam à palavra-chave “Mamãe”, mostrando o grande ser que ela é (Figura 22). Na página 13 quis mostrar através das palavras o que minha mãe significa para mim. Carrego seus ensinamentos e amor incondicional para sempre. Ao me ver elaborando essa página, Ynaiá quis desenhar os três galhos com folhas ao fim, representando o espelho que Dona Edith é para nós. Ela é o galho da esquerda, nós somos as ramificações em frente, frutos germinados de minha mãe (Figura 23).



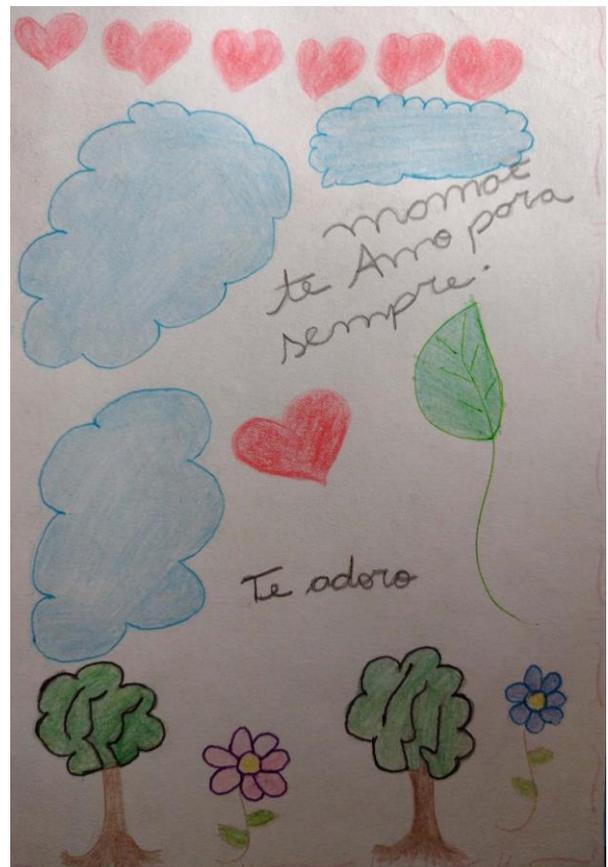
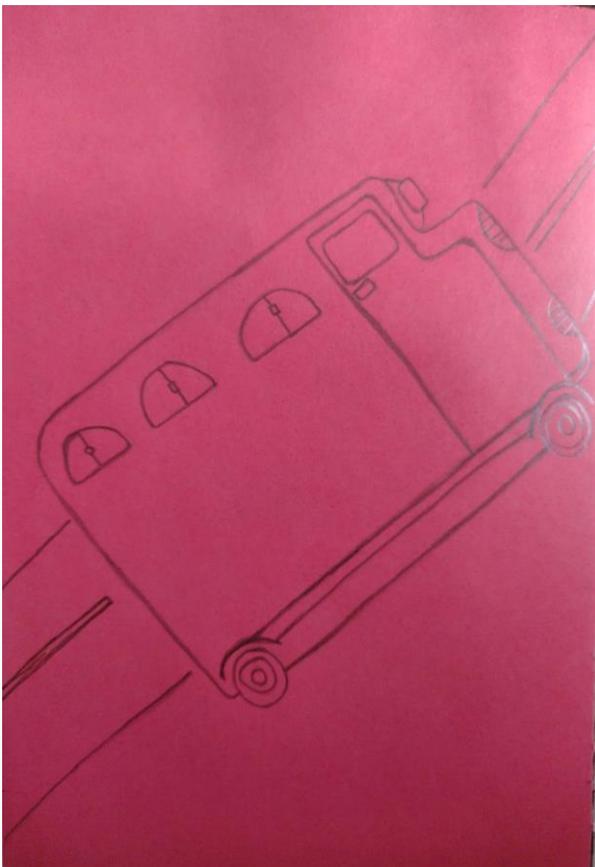
FIGURAS 22 e 23 – Páginas 12 e 13 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Na página 14 elaborei uma composição como autorretrato de meu período grávida, onde vivi um momento de extrema expectativa, ansiedade e curiosidade. Nessa fase da vida estava pronta e determinada a viver uma intensa aventura chamada maternidade, que mesmo com altos e baixos, é uma experiência grandiosa. Uma das fases mais belas de minha vida que deixou marcas profundas na minha história por meio da relação entre minha filha e eu. Amo ser essa mulher que a maternidade me tornou (Figura 24). Na página seguinte complemento a composição anterior mostrando o turbilhão de sensações e sentimentos que surgiram em minha gravidez. É um movimento cíclico que mexeu comigo, misturando fases diversas num turbilhão de emoções (Figura 25).



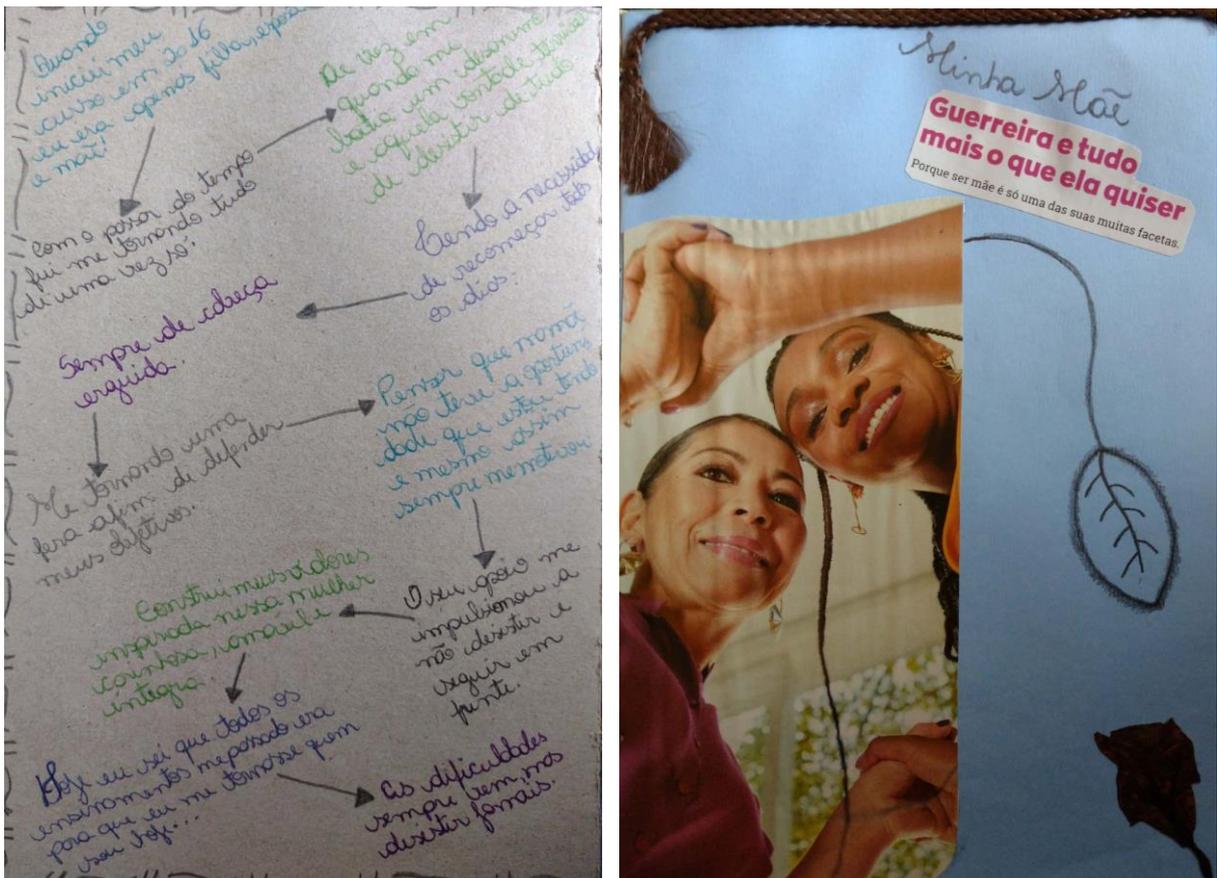
FIGURAS 24 e 25 – Páginas 14 e 15 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Em meio a conversas com minha mãe nossa nave foi para um tempo onde começamos a viajar muito para realizar compras de produtos e assim revende-los em nossa cidade. Juntas, a cerca de dois anos, entramos em um ônibus e nos deslocamos até Goiânia, Goiás, para adquirir mercadorias diversas. Enquanto a prosa ia acontecendo em meio ao cafezinho da tarde e as lembranças das peripécias de mãe e filha nessa aventura comercial, elaborei a composição da página 16. O ônibus na estrada representa essa fase da vida de ajuda mútua que damos uma para a outra, onde a estrada da vida nos une sempre que possível (Figura 26). A página 17 mostra uma composição elaborada por minha filha. Animada com a construção do diário, Ynaiá quis fazer sozinha um desenho para representar o amor que ela sente por mim. Cada elemento dessa composição mostra aspectos do que significo para ela e, à sua maneira, Ynaiá mergulha fundo com nossa nave e marca seu registro no diário de bordo dessa viagem a esse mundo maternal (Figura 27).



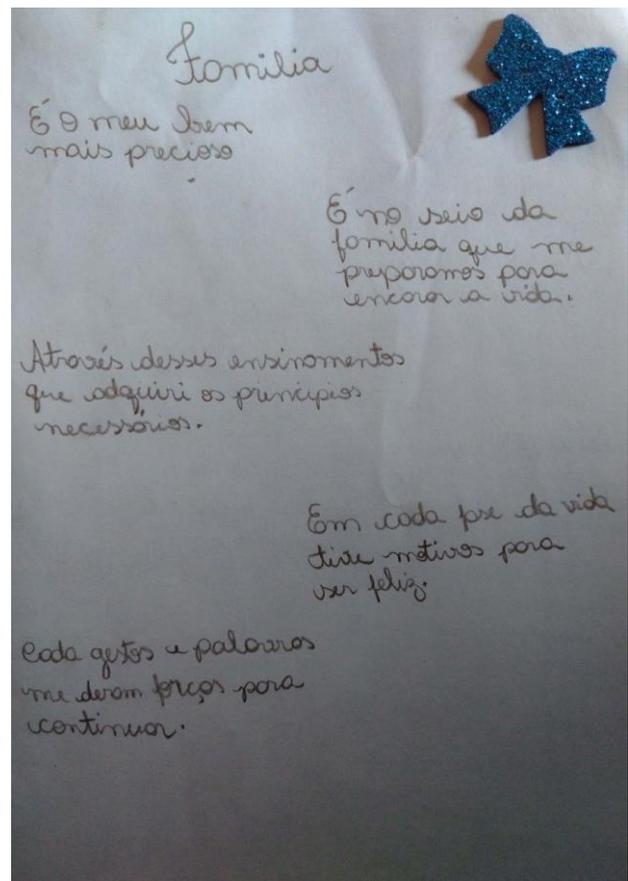
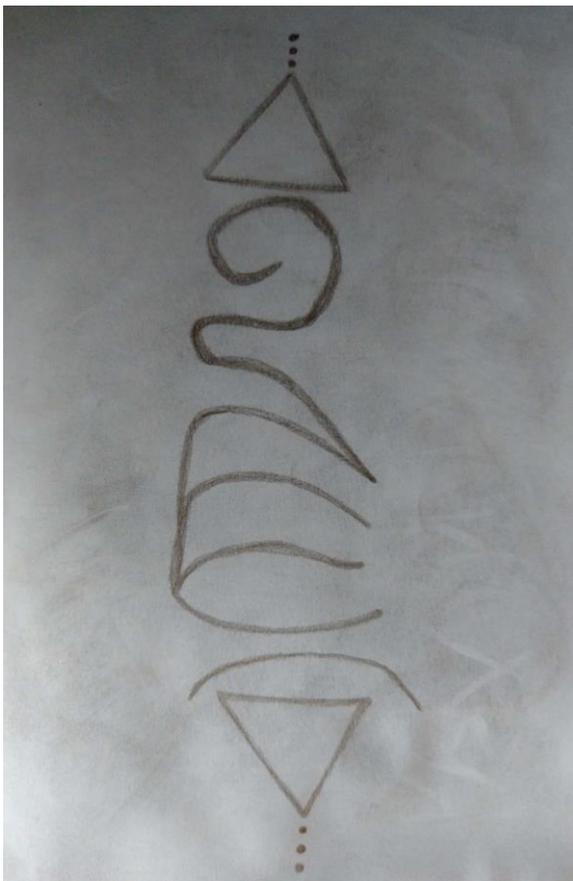
FIGURAS 26 e 27 – Páginas 16 e 17 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

A página 18 apresenta pensamentos fragmentados de um roteiro da qual fui protagonista. Essa viagem ao passado foi remexendo as memórias guardadas e as lembranças agitadas faziam surgir pedaços de textos dos momentos que vivi. A cada movimento da nossa nave uma palavra era rascunhada nessa teia de percepções do caminho (Figura 28). Já a composição da página 19 representa a cumplicidade entre minha mãe e eu, mostrando a luta de Edith para estruturar o caminho da filha. Ela me incentivou e criou a base emocional que precisei para encarar estes desafios, tendo a força mental para ser o pilar do meu desenvolvimento. Os valores que minha mãe me passou por meio de seus ensinamentos carregou comigo até os dias de hoje. Essa página pode não ser a honraria que ela merece, mas é o meu afago e homenagem para essa grande mulher (Figura 29).



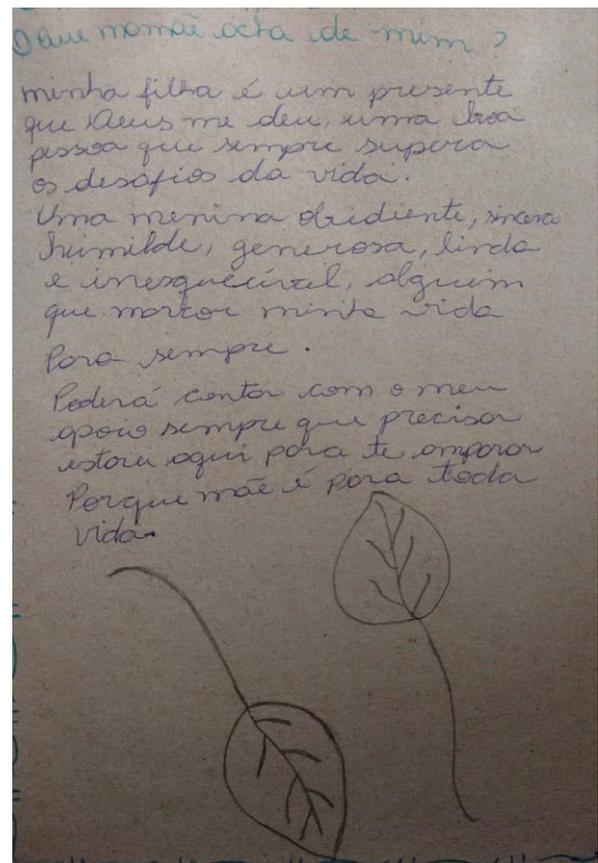
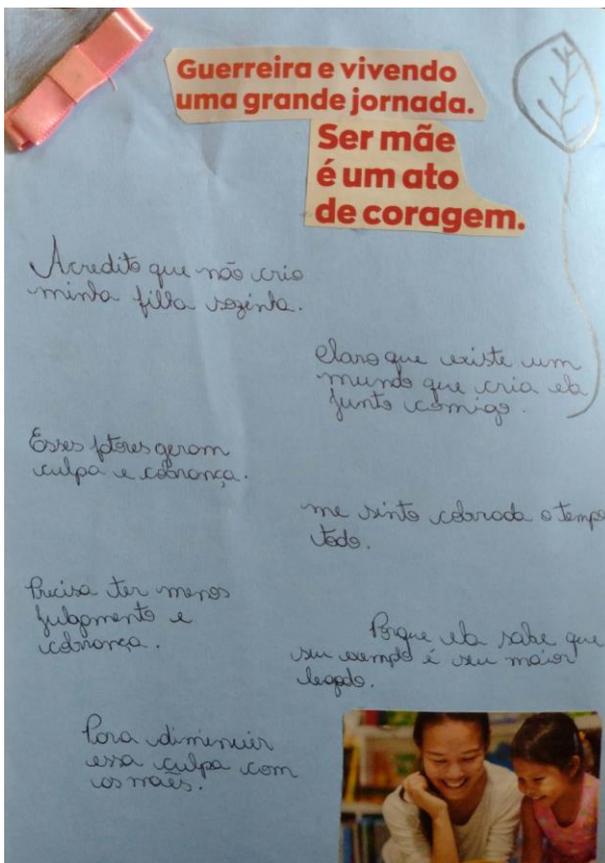
FIGURAS 28 e 29 – Páginas 18 e 19 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Na página 20 mentalizei o caminho tortuoso entre conciliar estudos, família e trabalho. Deixei-me levar pelos sentimentos e sensações ao me concentrar neste momento da vida, com isso foi surgindo um traçado abstrato com pontos e linhas sinuosas. Vejo o vai e vem deste desenho como a luta que tive durante este percurso, com momentos de desânimo, força para continuar e alcance dos meus objetivos (Figura 30). Ao me ver nesse pensamento tortuoso da página anterior, senti a vontade de escrever sobre minha família. Uso a página 21 para declarar a importância da família para mim, local de aconchego, socialização e referência. Eles são meu porto seguro e sem o suporte deles não teria chegado até aqui. Desejo transmitir esses valores de geração em geração, para que o legado dessa família perpetue pelo espaço e tempo (Figura 31).



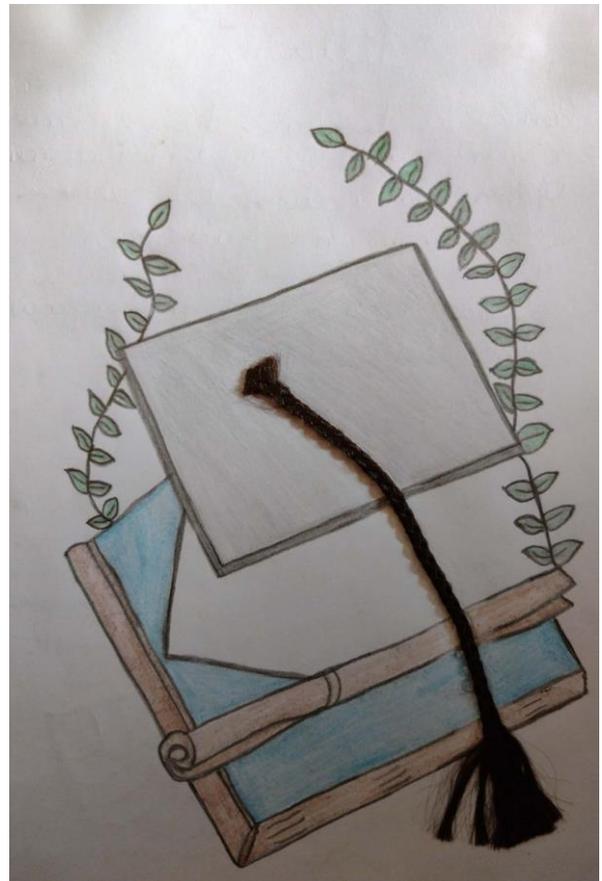
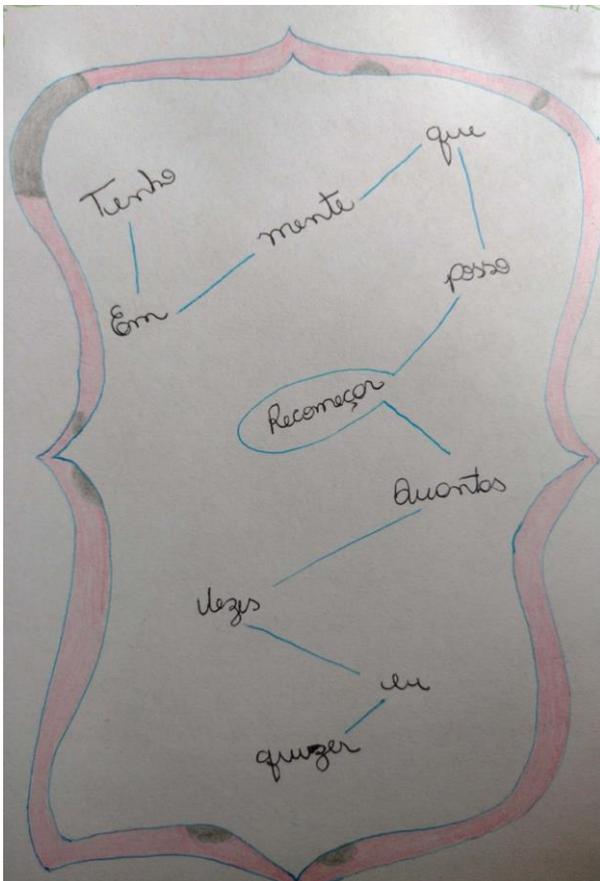
FIGURAS 30 e 31 – Páginas 20 e 21 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Nossa nave para em um dia chuvoso, onde a culpa estava sobre meus ombros. Realizei uma reflexão do que é ser mãe e da grande responsabilidade que temos diante de um ser que cresce para o mundo. É preciso ter coragem para a maternidade, tenho consciência que há a interferência do que nos rodeia na educação de minha filha. Na página 22 coloco as percepções e o peso desse sentimento de cobrança em ser uma boa mãe (Figura 32). Já na página seguinte, abri espaço para Dona Edith se expressar, colocando suas percepções sobre sua filha Lilian. Apesar da reluta dela em escrever por achar sua letra feia e ter certa vergonha, minha mãe se soltou e criou um belo texto sobre mim. Comovida pela declaração complementei a composição da página com os galhos e suas folhas vivazes, nos representando nesse registro do diário (Figura 33).



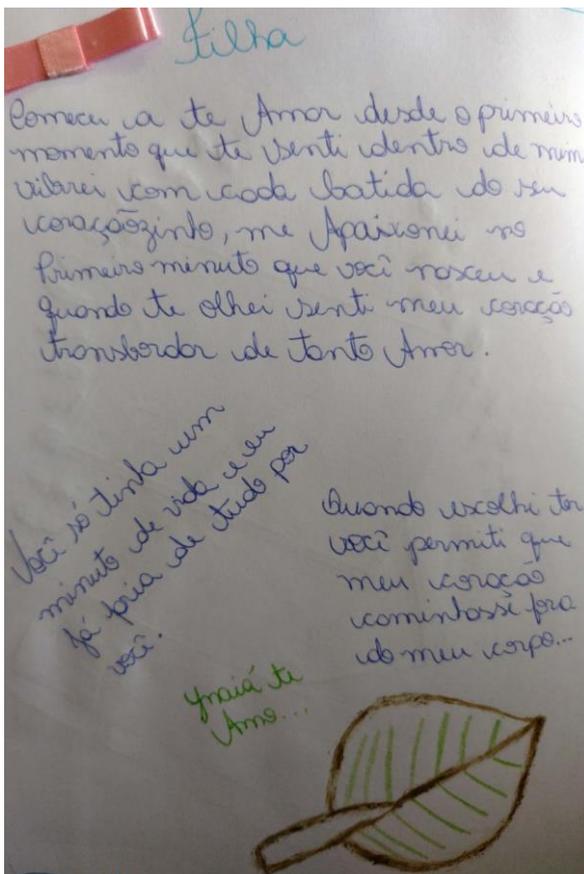
FIGURAS 32 e 33 – Páginas 22 e 23 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Após a declaração de minha mãe, a reflexão sobre aquelas cobranças e responsabilidades que relato na página 22 me incomodaram. Pensei em tirar a folha do diário tentando apagar aquele peso que senti, contudo, meu orientador prontamente me proibiu de fazer isso. E ele estava certo! Os passos da vida não são feitos apenas de alegrias, sorrisos e bons pensamentos, envolvem espinhos, pedras e percalços também. Como afirmou Don Gomes Alves, todo o processo é importante na construção de um processo artístico, bem como é na vida. Portanto, a página 24 é a minha libertação da culpa e do peso que porventura estava sentindo, pois mesmo que eu cometa erros posso recomeçar quantas vezes quiser, sem me abdicar do aprendizado que foi gerado disso tudo (Figura 34). Na página 25 desenei um livro embaixo de um capelo que simboliza o ritual de passagem do estudante para um profissional formado. Esta composição simboliza o meu desejo de encerrar o curso de Educação do Campo com um bom trabalho. Me formar e poder ter o meu diploma será a conquista tão esperada de todo o empenho que tive nesse período de estudos (Figura 35).



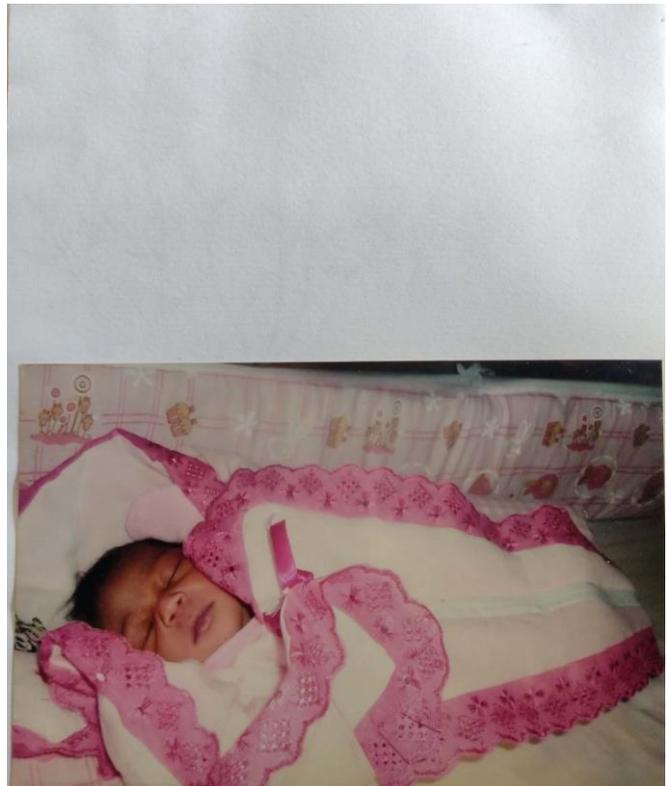
FIGURAS 34 e 35 – Páginas 24 e 25 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Assim como minha mãe elaborou um relato sobre mim, resolvi fazer o mesmo para minha filha na página 26, declarando meu amor e colocando poeticamente meus sentimentos de ter tido ela dentro de mim. Sinto que minha filha é meu coração que caminha fora do meu corpo. Esse registro no nosso diário de bordo ficará vivo e, mesmo com a passagem do tempo e a degradação do material deste objeto, Ynaiá poderá visitar e revisitar estes escritos. Até mesmo quando eu não estiver mais aqui (Figura 36). A página seguinte complementa essa declaração realizada na passagem anterior, mostrando uma foto de quando estava com oito meses de gestação. Cada dia era uma emoção diferente, aprendendo a ser mãe através de um amor que inspira prazeres diversos. Esse barrigão carrega a pureza de gestar uma vida dentro da minha própria (Figura 37).



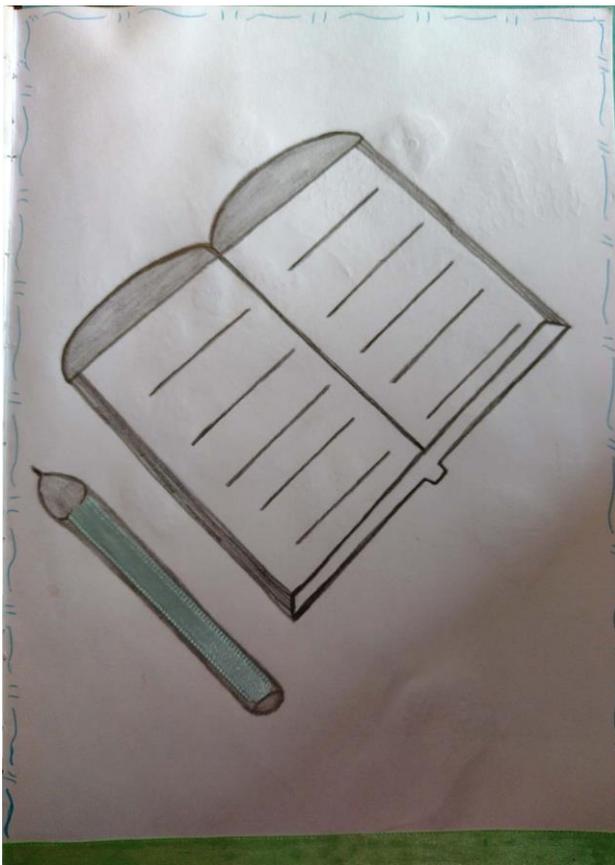
FIGURAS 36 e 37 – Páginas 26 e 27 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Na página 28 apresento uma composição elaborada por mim que traz uma carga simbólica muito grande dessa nossa viagem ao universo maternal. A árvore está com galhos secos e sem folhas, levadas pelo vento por estarem ressequidas, velhas e descoloridas. Representa a nossa renovação, onde o vento é a força motriz que movimenta a vida levando as impurezas, insatisfações e cansaços do cotidiano para longe. Apesar de sua aparência estamos como essa árvore, firmes e fortes dentro de nossa essência. O rio que passa ao lado é a fonte vital dos nossos caminhos, as experiências que nos engradem e renovam a árvore com novas folhas. As pedras na lateral oposta são as dificuldades que passamos pela vida e que nos força para uma renovação deste cenário. Esta composição simboliza o movimento cíclico de ensinamentos e trocas de experiências entre nós, passa de Edith para Lilian, de Lilian para Ynaiá e de Ynaiá para Edith (Figura 38). Já na página 29, trago uma linda lembrança da minha filha bebê em seu quinto dia de vida após ter saído de meu ventre. Uma imagem de um ser indefeso, abraçada pela manta rosa que a vovó deu de presente para aquecê-la. Deitada em seu berço em um sono profundo, sinto como se essa manta envolvente fosse a união dos ventres de mãe e avó que tentam assegurar a vida desse ser indefeso (Figura 39).



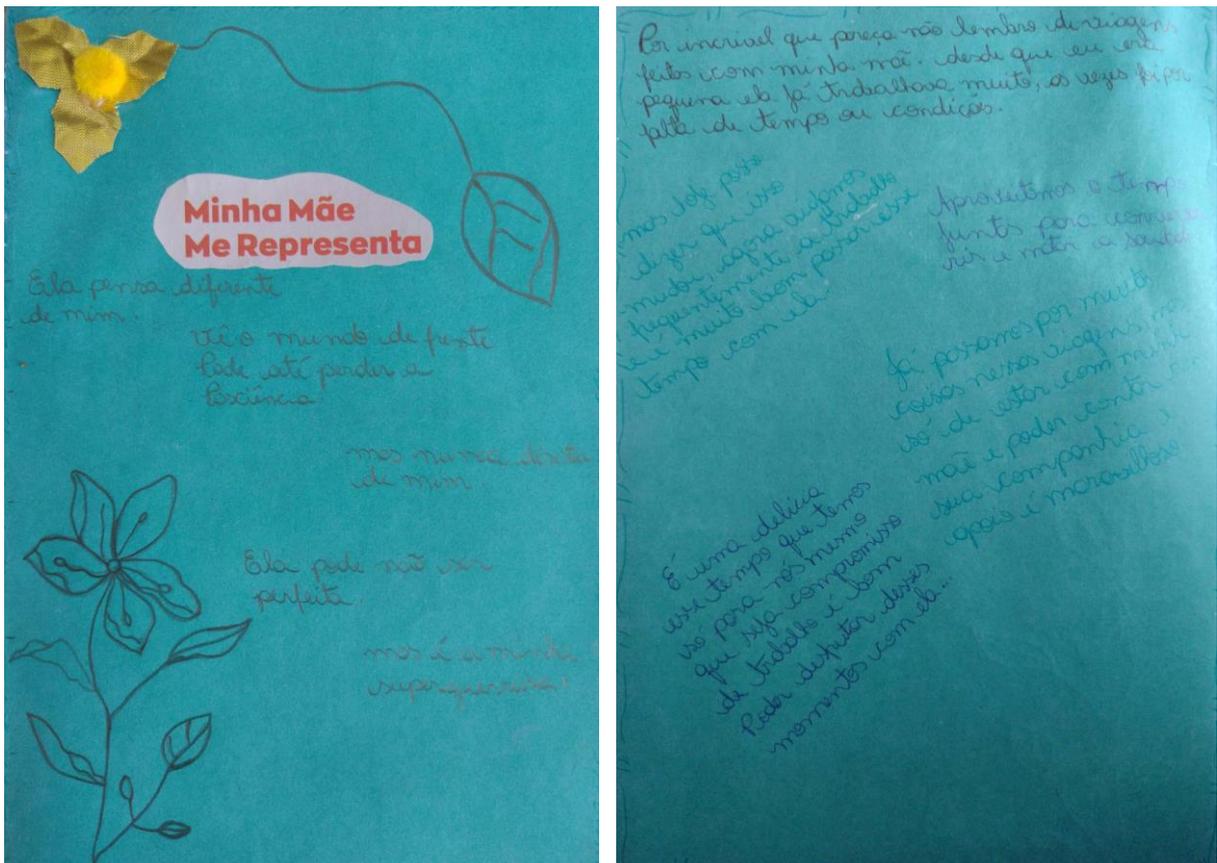
FIGURAS 38 e 39 – Páginas 28 e 29 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Em um dia sem combustível para nossa nave, faço uma pausa para fazer a representação do objeto usado para guardar as representações. Desenho na página 30 o diário de bordo dentro dele próprio. Ao me ver nesse processo artístico viajando pelas lembranças e memórias, vi que este objeto faz parte dessa história e merece estar dentro dele mesmo. O lápis, companheiro de rascunhos por linhas, pontos e palavras, é o componente que torna possível esses registros. É uma forma que encontrei de reabastecer a nave para novos voos e valorizar este trabalho de conclusão de curso (TCC) dentro da trajetória que é contada no diário (Figura 40). Na composição da página 31 procurei demonstrar um coração florescendo diversos outros sentimentos e sensações envolvidos com a maternidade. Vejo essa imagem como o meu processo de aprendizagem como mãe, onde não sou a mesma Lilian de ontem e busco evoluir a do presente para ser a Lilian do amanhã (Figura 41).



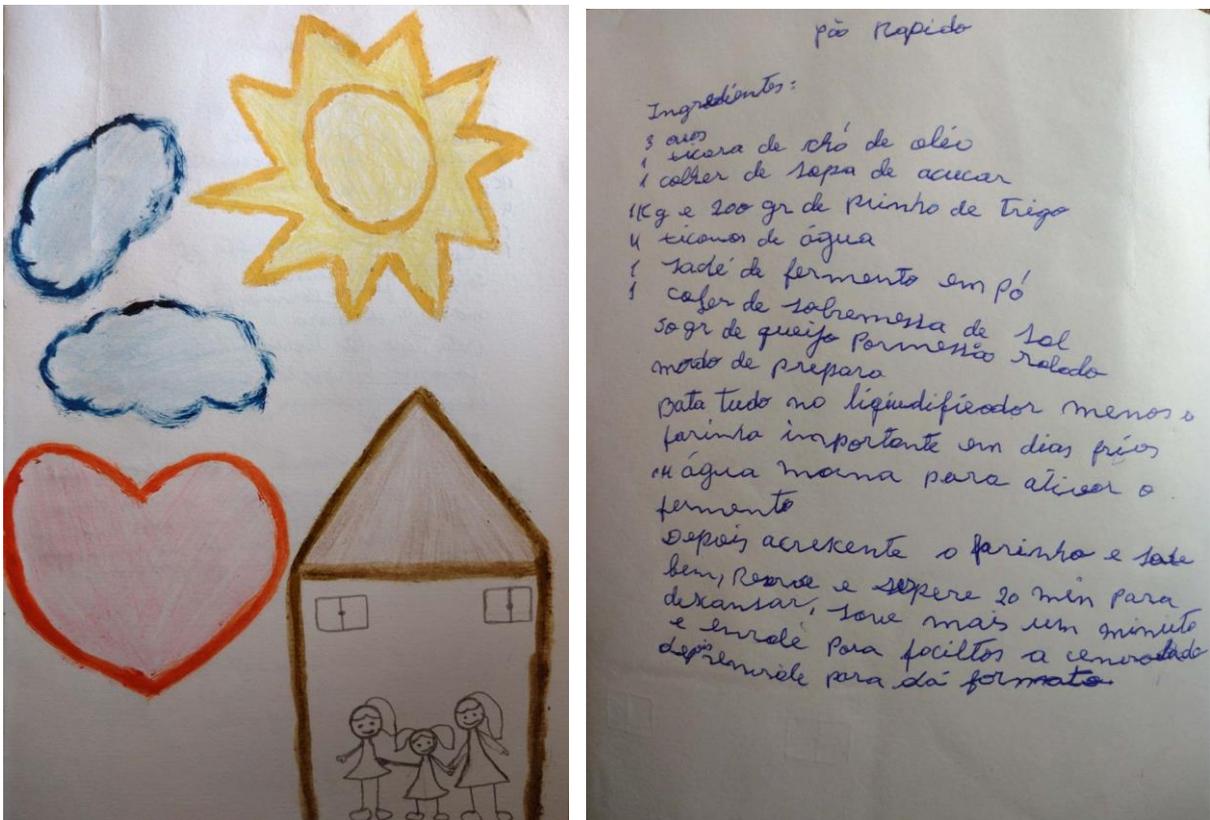
FIGURAS 40 e 41 – Páginas 30 e 31 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Na página 32 mostro que, apesar de algumas diferenças, minha mãe me representa. Em certos momentos pensamos de forma divergente, contudo, minha admiração por ela não diminui. Ela é minha guerreira, meu suporte! As flores que compõem a folha são a fertilidade daqueles galhos que foram colocados ao longo do diário, mostrando que nossa relação é construtiva até mesmo nos momentos de diferença (Figura 42). Ao recordar as viagens que minha mãe e eu fazemos para comprar produtos diversos e assim tirar um sustento por meio da revenda, a nave dá um salto no espaço/tempo me colocando diante da Lilian criança. Não tenho recordações de viagens feitas com Dona Edith. É interessante ver que no passado não tínhamos condições de ter esse momento juntas, em compensação, nos dias de hoje realizamos várias viagens e temos diversos períodos agradáveis. Atualmente posso fazer tudo o que não tive quando criança, reflexão que registro na página 33 (Figura 43).



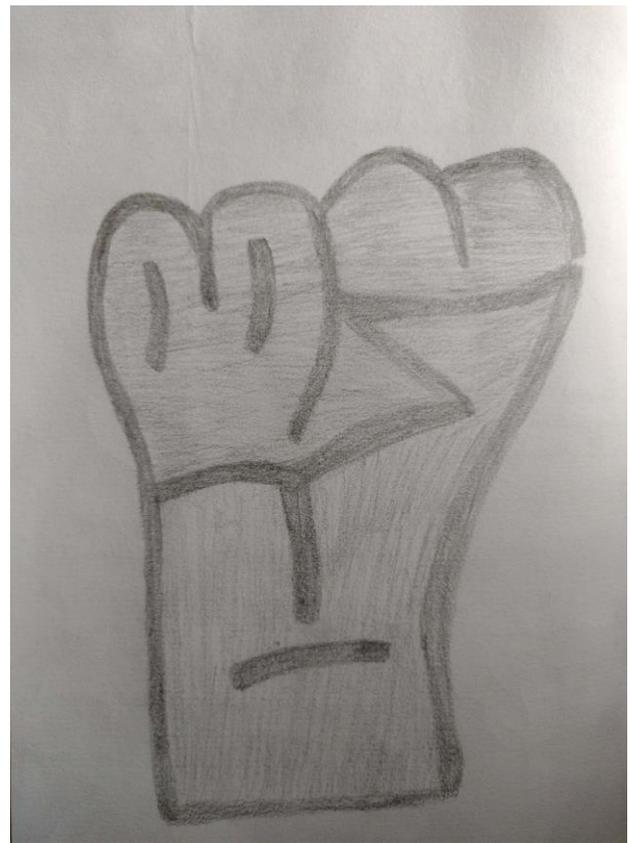
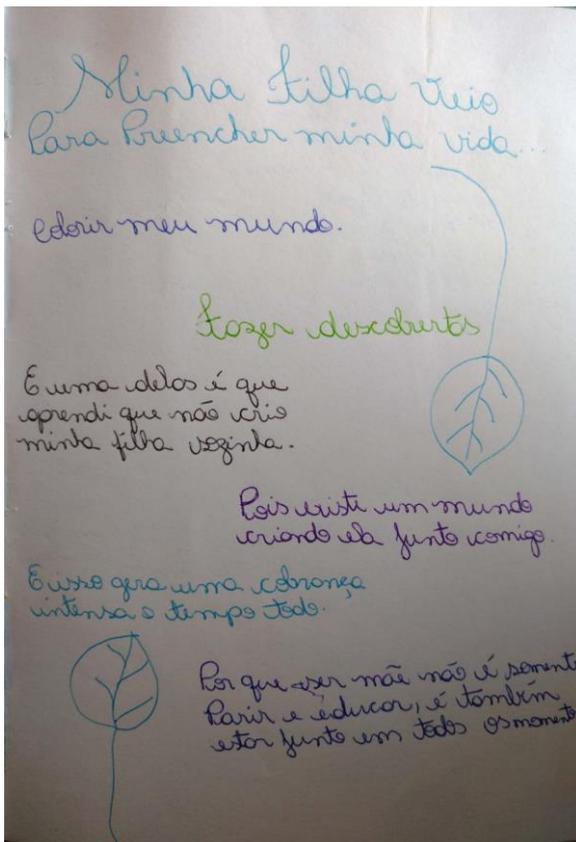
FIGURAS 42 e 43 – Páginas 32 e 33 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Animada com os registros do nosso diário, Ynaiá elabora a composição da página 34 mostrando como a nave que estamos a bordo neste TCC passeia pelo seu cotidiano. Ela sente vontade de ilustrar as três gerações (avó, mãe e filha) dentro de nossa casa, lugar de convívio, cuidado e aprendizado para Ynaiá. Apresenta também esse período onde Dona Edith esteve muito presente devido minha dedicação aos estudos. O amor que minha filha tem por nossa família é puro, inocente e sem medidas (Figura 44). Já na página 35, em um dia cotidiano como outro qualquer precisei de uma receita de pão caseiro. Ao ir até a casa de minha mãe, ela prontamente sentou e começou a anotar de cabeça o passo a passo para fazer o alimento. Enquanto Dona Edith escrevia, relembrava como aprendeu a receita de sua mãe contando a primeira vez que preparou esse pão e relatando cada segredo para o sucesso dessa elaboração. Retornando para minha casa me peguei viajando com nossa nave pela ótima prosa que acabava de ter com ela. As lembranças da infância ao ver o prazer de minha mãe cozinhando tomaram minha mente me dando a certeza de que esta receita não deveria ser perdida em um caderno qualquer, mas sim fazer parte do nosso diário de bordo (Figura 45).



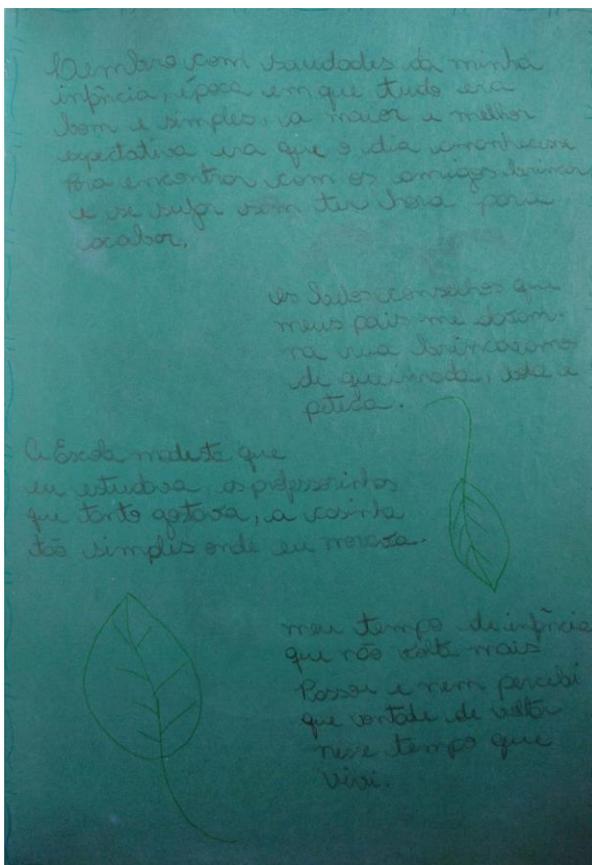
FIGURAS 44 e 45 – Páginas 34 e 35 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Na página 36 me vejo novamente diante do peso dos olhares alheios. Algumas falas de conhecidos tornam a experiência materna um vórtice de cobranças e exigências que dilaceram minha mente em incertezas. Esse autoflagelo pelas ausências que proporcionei para minha filha ao longo desses anos de estudo me martirizam, fraquejando meu pensamento diante dos grasnados dos urubus que nos sobrevoam. Contudo, Ynaiá coloriu meu mundo e preencheu vazios. Saber que sou espelho para ela me fortalece nesse caminho. A presença não se faz apenas com o corpo físico (Figura 46). Fortalecida pela certeza de estar no caminho certo, represento na página 37 o punho fechado que rompe os céus, como um brandir de espada antes de desferir o golpe no oponente. Este desenho ilustra toda minha força de vontade ao longo dessa jornada para atingir meus objetivos e cumprir as tarefas que me foram dadas de maneira eficiente (Figura 47).



FIGURAS 46 e 47 – Páginas 36 e 37 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Nossa nave chega ao fim do percurso nesse gostoso ato de rememorar, passear pelos pensamentos cotidianos e registrar nossos sentimentos e emoções. Percebendo o fim deste fazer artístico minha mente se conectou com a Lilian criança, com idade de minha filha nos dias de hoje. Me recordo das brincadeiras, dos professores, da escola, das amizades e dos conselhos que ouvia. Seria bom encontrar com Ynaiá e poder jogar queimada ou peteca. Estes pensamentos soltos compõem a página 38, tempos maravilhosos que passaram rápido e não voltam mais. Me resta recordar com um sorriso no canto da boca (Figura 48). Finalizando o diário de bordo, a composição da página 39 mostra o universo dentro da minha mente de mãe. São misturas de sentimentos, sensações e novidades que se entrelaçam e criam novos desafios em minha vida. Concentrar no florescimento de que as coisas são possíveis e podem ser boas é fundamental nesta fase da vida. Vivenciar tudo que passei me fez criar um universo onde nada é certo, porém, tudo é possível, podendo me reinventar e me modificar a todo instante (Figura 49).



FIGURAS 48 e 49 – Páginas 38 e 39 do diário de bordo, 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Chegamos ao fim desta viagem maravilhosa e poética pela maternidade. Em algum momento ela teria que ter um ponto de parada, mas não um ponto final e sim de reticências, mostrando que a vida continua e traz novas experiências, histórias e lutas para um dia comporem estes registros do diário de bordo. Nunca imaginei que seria tão prazeroso esse processo de criação, no caminhar dos acontecimentos foram surgindo dúvidas, experimentações e mudanças que me fizeram viajar pelos acontecimentos de nossas vidas. Trabalhar questões intimistas no fazer artístico foi fundamental para meu desenvolvimento neste TCC e fez com que eu me soltasse dentro da área de Artes Visuais, sem medo de uma arte mais clássica. Esta autobiografia me fez valorizar as relações maternas e familiares, respeitar a historiografia de quem é próximo a mim e compreender melhor alguns processos da vida, conceitos desta pesquisa que espero chegar até os leitores deste trabalho.

### **Pensamentos de uma viagem**

O ato da recordação do passado e o embate com o presente se dão pela diferença do tempo que passou e o tempo presente. A percepção do que mudou e o que precisa ser mudado nos dá o poder de criar e recriar o nosso contexto. Nós assentamos os tijolos no alicerce da vida, basta aprumá-los para que as paredes não fiquem tortas ou caiam. As experiências da nossa vivência são a base dessa construção, fortalecendo, modificando, abalando ou mesmo edificando novas bases. Denílson Lopes (2007, p.26 e 27), professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), explica que a experiência:

[...] tem por função retirar o sujeito de si, fazer com que ele não seja mais o mesmo. A experiência revela e oculta, tem espaços de luz e de sombras. A experiência não é apreendida para ser repetida, simplesmente, passivamente transmitida. Ela acontece para migrar, recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças. Aprender com a experiência é, sobretudo, fazer daquilo que não somos, mas poderíamos ser parte. A experiência é mais vidente que evidente, criadora que reprodutora.

Portanto, as experiências constituem essa força motriz nas nossas vidas, recriando e potencializando uma transformação em algo que não éramos até o momento. Trazendo este olhar para as experiências de mães e filhas desta história

apresentada no diário de bordo, vemos o desenvolvimento dos laços afetivos pelas gerações. Uma vida gera outra vida dentro do ventre da mulher, tendo o cordão umbilical como o princípio dessa ligação.

No decorrer desse processo percebi que, depois que me tornei mãe, um amor enorme cresceu dentro de mim, quase não cabendo no meu peito. Hoje compreendo melhor minha mãe e seus sentimentos, ensinamentos e cuidados. Quando somos jovens não entendemos algumas questões das mães e, por algumas vezes, até mesmo nos rebelamos contra certos controles. Contudo, o amor maternal é algo difícil de mensurar em palavras e explicações. Ele é volátil e vai de mãe para mãe, sem fórmulas definidas, como bem explica Elisabeth Badinter (1985, p.367), filósofa e historiadora francesa que reflete sobre o papel da mulher na sociedade:

Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da história. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres, é adicional.

Este trabalho talvez não dialogue com todos os que o encontrarem, ainda mais mães nessa pluralidade descrita pela autora. Mas ele foi um exercício que trouxe um aprofundamento das minhas relações de mãe e filha. Dona Edith nem imaginava que o meu trabalho de conclusão de curso seria uma forma de homenageá-la por tudo que fez por mim até o presente momento. Ela se mostrou surpresa e lisonjeada ao fazer parte do processo através das entrevistas e construção do diário, colocando ali histórias e intimidades de nossas vidas para qualquer pessoa ver. A felicidade dela ao me ver vencendo mais uma etapa na vida, concluindo meu curso e contando nossa história por meio das Artes Visuais foi enriquecedora para mim enquanto filha de Edith.

Já para minha filha o processo deve ter sido mais significativo ainda. Ela não tinha total compreensão da importância deste caminho acadêmico para minha formação, muitas vezes chorava querendo ir à aula comigo e eu tinha que deixá-la para poder continuar os estudos. Ao se ver contribuindo no processo do TCC, Ynaiá se sentiu finalmente acolhida nesse universo e demonstrou enorme felicidade de ser partícipe de tudo. Talvez ela não tenha ainda o discernimento do que aconteceu

exatamente e das importâncias desses passos que trilhamos em conjunto, porém, com o diário de bordo, tudo estará registrado. Ao crescer e se tornar adulta, poderemos revisitar esse momento juntas e desfrutar de lembranças maravilhosas. Com certeza ela viverá a experiência com novos olhos.

Para mim a experiência foi prazerosa. É claro que todo início de trabalho de conclusão de curso nos causa medos e incertezas paralisantes. Desde escolher o tema, montar o projeto, pesquisar referências, passar pelas disciplinas obrigatórias, as orientações e o início da prática artística. Nós, de uma região interiorana, ainda somos presos em uma arte clássica, com preocupações estéticas que não cabem tanto nos dias de hoje. Mas ao chegar no momento do fazer artístico, se desprendendo dessas amarras temos a catarse de um trabalho em Artes Visuais, onde nos entregamos de corpo e alma em vivências, histórias e poéticas. Depois de todas as dificuldades e prazeres deste caminho foi um privilégio e uma grande conquista passar por essa experiência, mostrando que sou capaz de ir sempre além.

## DIÁLOGOS POÉTICOS: REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

A construção desta pesquisa em torno da maternidade e os laços afetivos que se estabeleceram em minha família passaram por intensos processos entre pensar, fazer, escrever e, principalmente, criar. Todo este caminho também foi possível devido aos estudos acadêmicos dentro da área de Artes Visuais que aconteceram no curso de Educação do Campo da UFT. “O artista que realiza uma pesquisa no âmbito universitário concebe seu fazer artístico como práxis, sendo portador de uma dimensão teórica e, conseqüentemente, articulando o seu a fazer de ateliê como produção de conhecimento” (REY, 1996, p.82). Com isso, foi possível estabelecer diálogos com conceitos e referenciais artísticos importantes para a construção poética desta proposta.

Para a construção do planejamento deste projeto, o artista José Leonilson Bezerra Dias foi de suma importância. Baseando-me em suas obras e escritos poéticos pude estruturar uma linha de condução para o fazer artístico deste trabalho, como as entrevistas e elaboração do diário de bordo. Suas obras trazem uma carga intimista, já que o artista é conhecido por trabalhar questões de sua vida particular nas suas produções, carregadas de cores, traços delicados, contornos marcados e sentimentos fortes. Leonilson Dias utilizava elementos de seu cotidiano no fazer artístico, passando por costuras, bordados, desenhos, pinturas e bricolagem. Ele registrava seus pensamentos, planejamentos e expressões em diários numa construção autobiográfica (Figura 50). Todo este material de Leonilson Dias foi apresentado numa exposição chamada “Sob o peso dos meus amores”, realizada no Itaú Cultural, em São Paulo, no ano de 2011, tornando-se um livro posteriormente<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Para maiores informações sobre Leonilson Dias, visite o site: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8742/leonilson>>. Acesso em: dezembro de 2021.

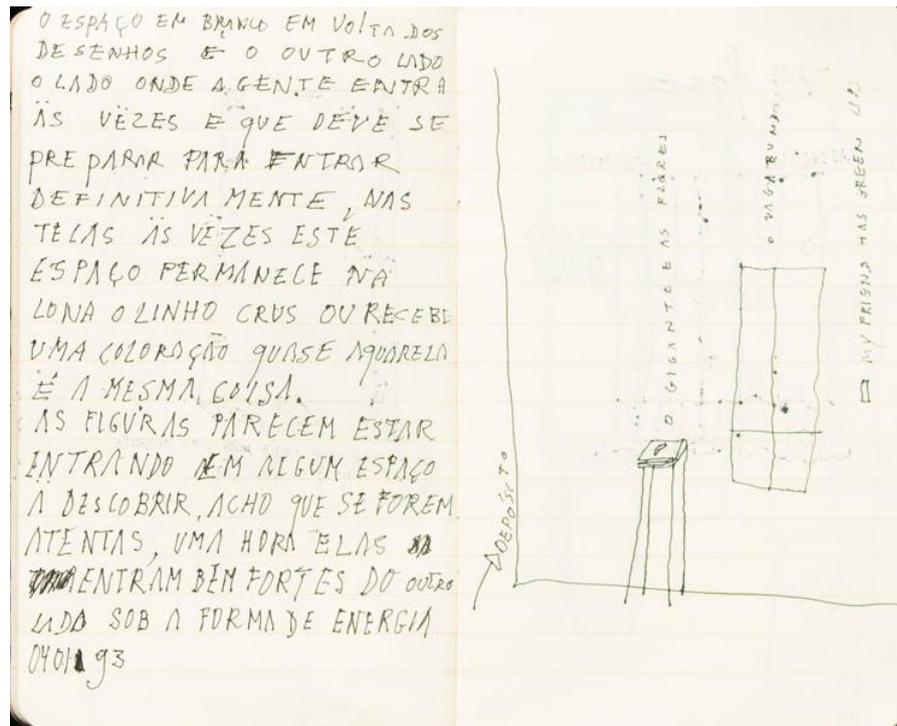


FIGURA 50 – Diário de anotações de Leonilson Dias, 1992-1993. Fonte: <<https://daniname.wordpress.com/2011/05/26/os-arquivos-de-leonilson/>>.

Esses diários que Leonilson Dias produziu com a necessidade de registrar suas subjetividades foram o ponto de inspiração para esta proposta que apresento neste texto. O olhar do artista para o cotidiano dialoga com os olhares que minha mãe, filha e eu tivemos durante o processo do fazer artístico do diário de bordo. Enquanto Dias olhava suas inquietações internas, amores e vida, nós olhamos a afetividade, o amor materno e a ajuda estrutural. Laços e afetividades que se aproximam, apesar das suas diferenças. Leonilson Dias inspirou muito o fazer artístico deste trabalho de conclusão de curso, sendo a base principal da minha produção.

Outra artista que teve influências na construção do meu projeto foi Lygia Clark, considerada uma das principais artistas do Brasil. Seus escritos trazem reflexões importantes para a área de Artes Visuais como os conceitos da “Não representação” e da “Superação do suporte”. São conhecidas por suas instalações, performances e interatividade, estimulando a criatividade e o diálogo no espectador em obras multissensoriais. Uma de suas produções que admiro e tece relações com o trabalho desenvolvido neste TCC é a obra “A casa é o corpo: Labirinto”, de 1968,

onde a Lygia Clark apresenta um grande útero a ser adentrado (Figura 51)<sup>9</sup>. Nele, somos convidados a conhecer sensações diversas que simbolizam a origem da vida, como se estivéssemos dentro de outra pessoa. “Através da outra pessoa, o indivíduo pode perceber o seu próprio sentido, conhecer-se a si mesmo”<sup>10</sup>.



FIGURA 51 – A casa é o corpo: Labirinto, 1968. Fonte: <<https://portal.lygiaclark.org.br/>>.

Essa interatividade que Lygia Clark propõe em suas obras estabelece vínculos com a realidade e a vida de quem participa, característica que busquei ao realizar a produção com Dona Edith e Ynaiá. Trazê-las para o fazer artístico, compartilhar a autoria da produção e interagir com seus pensamentos, sensações e histórias, para que assim o diário de bordo calcasse entrelaces dentro de nossos contextos e vida. Socializar estas percepções em um processo tão intimista é mexer com a sensorialidade de uma experiência potente que vivemos. “Ao reproduzir técnicas usadas por outros e inventar outras novas, a ação humana se torna fonte de ideias e por isso uma experiência propriamente dita” (ARANHA, 1990, p.15). Os diálogos levantados ramificam possibilidades criativas para futuros desdobramentos.

<sup>9</sup> Para maiores informações sobre Lygia Clark, visite o site: <<https://portal.lygiaclark.org.br/>>. Acesso em: dezembro de 2021.

<sup>10</sup> Pensamento de Lygia Clark, para maiores informações visite o site: <<https://www.pensador.com/frase/MTgzNDEyMg/>>. Acesso em: dezembro de 2021.

Por fim, e não menos importante, a artista mexicana Frida Kahlo dialoga com o processo artístico aqui apresentado. Ícone feminino do mundo da arte, ela foi uma artista à frente do seu tempo, conhecida por seus autorretratos e produção autobiográfica. Sua história foi marcada pela força de vontade e perseverança, apresentando em suas obras as angústias, conflitos e amores de sua vida, com uma estética que bebe na arte indígena mexicana usando cores fortes e vibrantes. Tornou-se um símbolo do feminismo por ter sido defensora dos direitos das mulheres em sua época e encontrou na pintura um meio de expressão, trazendo para as Artes Visuais questões intimistas das mulheres. Seu maior desejo era o de ser mãe, mas devido a um acidente que sofreu não foi possível realizar esse sonho. Essa angústia latente era vista em suas obras, como a pintura “*Henry Ford Hospital*”, de 1932 (Figura 52), onde vemos a expressão da artista pela perda de seu filho em uma das tentativas de gravidez<sup>11</sup>.



FIGURA 52 – *Henry Ford Hospital*, 1932. Fonte: <<https://www.fridakahlo.org/henry-ford-hospital.jsp#prettyPhoto>>.

Mesmo com todas as dificuldades que enfrentou ao longo da vida Frida Kahlo era uma mulher forte, fator que mais me encanta na artista. Seu trabalho surrealista dialoga com a estética de minha produção, mesmo não trabalhando com a pintura, e traça relações intimistas nessa força da mulher diante da vida. “Cada tic tac é um

<sup>11</sup> Para maiores informações sobre Frida Kahlo, visite o site: <<https://www.fridakahlo.org/>>. Acesso em: dezembro de 2021.

segundo da vida que passa, foge, e não se repete. E há nele tanta intensidade, tanto interesse, que o problema é só sabê-lo viver”<sup>12</sup>. Vivi desafios enormes nesta pesquisa autobiográfica, minha mãe teve uma história de vida de luta e minha filha viverá seus próprios caminhos e percalços, porém, como a garra de Frida Kahlo e sua história, buscamos enfrentar e transformar nosso contexto. Essas relações intimistas apresentadas no diário de bordo mostram a força dessas três mulheres e os entrelaces afetivos que estruturamos entre nós.

---

<sup>12</sup> Pensamento de Frida Kahlo, para maiores informações visite o site: <<https://www.pensador.com/frase/MTgyMjE0OA/>>. Acesso em: dezembro de 2021.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FIM DA VIAGEM?**

O início deste trabalho foi de desorientação em meio a uma avalanche de informações, não sabia que linha de pesquisa seguir, qual área me enveredar e tão pouco que tema me aprofundar. Na fase de elaboração de projetos, o discente do curso de Educação do Campo da UFT, campus de Arraias, fica muito perdido entre as possibilidades das Artes Visuais, Música e Humanidades, sem falar nas ramificações dentro de cada área. Alguns conseguem se encontrar e constroem afinidades antes de chegar nessa fase, mas não é uma realidade para todos. No princípio pensei em fazer um TCC sobre questões específicas da educação no campo, porém, à medida que pesquisava sobre o tema me sentia desmotivada e não me via naqueles conceitos.

Ao virar meus olhos para as Artes Visuais um mundo novo se abriu, mostrando que eu poderia trabalhar com maior liberdade e prazer dentro do processo de TCC. Foi quando passei a ser orientada pelo professor Don Gomes Alves e resolvemos partir para uma proposta autobiográfica. O que estava latente na minha vida e me daria prazer ao ser pesquisado? Pensando nesta questão me voltei para a maternidade e a importância da relação entre mãe e filha no intuito de realizar uma homenagem à minha mãe, Edith. Com o tempo as reflexões acerca do tema cresceram se estruturaram e abarcaram as gerações de mães e filhas da minha família: Edith, mãe de Lilian; Lilian, mãe de Ynaiá; Ynaiá, filha de Lilian; Lilian, filha de Edith; Edith, avó de Ynaiá; Ynaiá, neta de Edith. Essas relações foram trabalhadas no diário de bordo apresentado neste texto, mostrando por meio das memórias a viagem de nossas vidas e a importância dessa base para os desafios da vida.

O mundo é bastante complexo e somos responsáveis pela construção de nossa história, por vezes precisamos esquecer o que sentimos para recordar o que merecemos. A memória se faz entre lembranças e esquecimentos, contudo, ela não está no passado e sim no presente, local gerador do que teremos de futuro. Ou seja, é no hoje que vivemos nossa memória, passando pelas vivências e experiências de vida que aconteceram e nortearão nossas ações futuras. “A história mostra que, de tempos em tempos, em decorrência das novas descobertas, os paradigmas vigentes

deixam de servir às necessidades de uma população e são, gradualmente, substituídos por um paradigma mais abrangente” (COUTO, 2015, p.48).

Por muito tempo a mulher carregou o peso de um papel estabelecido pela sociedade, deixando de usufruir direitos básicos e sendo relegada a funções domésticas. Como aconteceu com minha mãe na sua infância e adolescência, onde ela foi morar de favor na casa de conhecidos de minha avó e teve que trabalhar sem qualquer remuneração ou direito trabalhista, cuidando da casa e dos filhos dessas pessoas. Isso impediu Dona Edith de realizar seus estudos e o sonho de ser professora, pois não tinha tempo para se dedicar a essa parte de sua vida. Uma violência pela qual minha mãe passou e ela sequer tem consciência disso.

A violência contra mulher, por razões de gênero, é uma das mais graves formas de agressão ou violação, pois lesa a honra, o amor próprio, a autoestima e seus direitos fundamentais; Trata-se, portanto, de um crime que deixa mais do que marcas físicas, atingindo a própria dignidade da mulher, como ser humano e cidadã, que merece um tratamento igualitário, urbano e respeitoso por sua própria condição de mulher (COELHO, 2019, p.60).

Houve avanços nas últimas décadas, contudo, até os dias de hoje a sociedade é muito dura conosco, mulheres, e não são todas que vivem uma liberdade de escolha. Como exemplo podemos ver a crescente onda de violência contra mulher a partir do ano de 2020, cenário que ganhou holofote pela necessidade de isolamento social deflagrado pela pandemia de Covid-19 que vivemos até hoje. “De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) houve um aumento de 22% nos casos de feminicídios entre março e abril do ano passado, período da quarentena imposta no país”<sup>13</sup>. A violência física, psicológica, doméstica e escravocrata contra a mulher é inadmissível e merece nota de repúdio neste trabalho, um registro importante visto que não podemos nos calar e sempre ter voz. Como vimos ao longo do texto deste TCC, entre tantas qualidades e virtudes que possui, a mulher tem o privilégio de gerar vida e sentir outro ser dentro de si. A gravidez é algo inerente à mulher e sem o processo de gestação não existiríamos.

---

<sup>13</sup> Reportagem intitulada “Maioria dos feminicídios acontece dentro de casa, aponta IBGE”, de Natália Bosco e Carinne Souza, publicada no Correio Braziliense em 04 de março de 2021. Para maiores informações visite o site: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4910192-maioria-dos-femicidios-acontece-dentro-de-casa-aponta-ibge.htm>>. Acesso em: janeiro de 2022.

Passar por estas reflexões foram de suma importância para meu caminhar neste momento da vida. A gravidez é um período intenso onde ocorrem constantes modificações físicas, psicológicas, sociais e culturais na vida de uma mulher. Trabalhar essas questões em uma produção artística de maneira intimista, como foi o diário de bordo, me possibilitou olhar a maternidade de maneira diferente aprofundando nas peculiaridades da minha vida em contraponto com as de minha mãe e filha. Apesar de meus hábitos terem mudado radicalmente, depois que me tornei mãe não me privei de certas conquistas, como concluir o curso de Educação do Campo, pois sempre tinha suporte e a base em casa, principalmente na figura de minha mãe.

Já Dona Edith não teve as condições de correr atrás de objetivos que ela tinha, não teve o mesmo suporte, enfrentou mais dificuldades para a criação das filhas e encarou o caminho de maneira mais solitária. Vendo estas relações penso em como será para Ynaiá: Ela terá dificuldades para conciliar a vida familiar e os estudos? Como será a maternidade para ela? Conseguirei ser a mesma base para ela como minha mãe foi para mim? Creio que Ynaiá terá mais possibilidades em sua vida, caminhos que podem levá-la a futuros melhores do que as realidades de Lilian e Edith. Não tenho a resposta para estas questões, mas o certo é que estarei lá para apoiá-la e, quem sabe, com um certo diário de bordo à tira colo.

Essas reflexões me fizeram compreender mais minha família e a fomentar novos sonhos, desejos e perspectivas de vida. Estou novamente grávida e dessa vez será um menino, embora já tenha tido a experiência da maternidade com Ynaiá, as expectativas tomam conta de mim numa mistura de sentimentos que me deixam ansiosa como se essa fosse a primeira vez. Esta produção artística foi a catarse complementar desse caminho que trilho na vida profissional, acadêmica e social, estabeleceu uma relação das Artes Visuais comigo de maneira muito potente. Espero que estas reflexões possam ajudar outras pessoas a olhar o próprio caminho e ver as possibilidades criativas e expressivas dentro de suas histórias. Diante deste processo me vi filha, mãe e pesquisadora da minha própria história, agora serei docente recém-formada com novos desafios pela frente. Não sou a mesma de ontem e nem serei a mesma de amanhã. O diário de bordo é um processo contínuo e aqui não é o fim da viagem, a nave está apenas reabastecendo para novos voos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2º Ed. São Paulo, Moderna, 1990.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec. 1994.
- BITENCOURT, Silvana Maria. **Candidatas à ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado** [manuscrito]. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2011.
- BOSCO, Natália; SOUZA, Carinne. **Maioria dos feminicídios acontece dentro de casa, aponta IBGE**. Correio Braziliense, 04 de março de 2021. Para maiores informações visite o site: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/03/4910192-maioria-dos-femicidios-acontece-dentro-de-casa-aponta-ibge.htm>>. Acesso em: janeiro de 2022.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CARVALHO, Raquel Alves de. **O processo de implantação do curso em licenciatura da Educação do Campo na UFT Campus Arraias**. In: MOURA, Sílvia Adriane Tavares de; SALES, Suze da Silva; KHIDIR, Kaled Sulaiman (Org). Educação do campo e pesquisa: Políticas, práticas e saberes em questão. Goiânia: Kelps, 2016, p.19-27.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez. 2000.
- CLARK, Lygia. **Pensador**. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTgzNDEyMg/>>. Acesso em: dezembro de 2021.
- COELHO, Ester Correa. **A Possibilidade de reconhecimento da qualificadora do feminicídio em face da presença de outra qualificadora subjetiva no crime de homicídio**. Revista da ESMESC, Vol.26, Nº 32, 2019, p.59-84.
- COUTO, Hélio. **Mentes in-formadas: ondas de in-formação, transferência de consciências e outras infinitas possibilidades**. São Paulo: Linear B Editora, 2015.
- ELZIRIK, Claudio Laks; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

**Exame Beta HCG: entenda o resultado do exame de sangue que detecta gravidez.** Exame: Imagem e Laboratório. Para maiores informações visite o site: <<https://laboratorioexame.com.br/saude/exame-beta-hcg/>>. Acesso em: janeiro de 2022.

**Frida Kahlo.** Disponível em: <<https://www.fridakahlo.org/>>. Acesso em: dezembro de 2021.

GOMES, Claudia Aparecida Valderramas; Mello, Suely Amaral. **Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da psicologia histórico-cultural.** Vol. 28, Nº 2, Florianópolis, 2010, p.677-694.

HAGUETE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KAHLO, Frida. **Pensador.** Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTgyMjE0OA/>>. Acesso em: dezembro de 2021.

KARNAL, Leandro. **Pensador.** Disponível em:<[https://www.pensador.com/autor/leandro\\_karnal/](https://www.pensador.com/autor/leandro_karnal/)>. Acesso em: novembro de 2020.

**Leonilson Dias.** Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8742/leonilson>>. Acesso em: dezembro de 2021.

**Lygia Clark.** Disponível em: <<https://portal.lygiac Clark.org.br/>>. Acesso em: dezembro de 2021.

LOPES, Denílson. **A Delicadeza: estética, experiência e paisagens.** Brasília: Editora Universidade de Brasília/Finatec, 2007.

LUCA, Guilherme de; ZERBINI, Maiara Santana. **Abandono afetivo e o dever de indenizar.** Vol. 8, Nº 1, REGRAD/UNIVEM, Marília, São Paulo, 2015, p.171-191.

MATOS, Leonardo Raphael Carvalho de. **O combate ao trabalho infantil no Brasil: Avanços e Retrocessos** [manuscrito]. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho, Programa de Pós-Graduação em Direito, São Paulo, 2015.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem.** Curitiba: Positivo, 2007.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, César Augusto. **Apoio social e experiência da maternidade.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, Vol. 16, 2006, p.85-96.

REY, Sandra. **Da prática a teoria: três instancias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais.** Vol.7, Nº 13, Porto Alegre, 1996, p.81-95.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais.** In: Revista NÓS: Cultura, Estética e Linguagens, Vol.6, Nº 1/1º Semestre, Goiânia, 2021, p.95-129.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. 41ª Ed. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

# APÊNDICE

## APÊNDICE A –ENTREVISTAS

Entrevista com Edith José de Almeida (minha mãe):

**Pesquisadora:** Oi mãe, vou fazer a entrevista com a senhora, conhecer um pouco mais do que a senhora já viveu até hoje. Onde é que a senhora nasceu?

**Edith:** No município de Divinópi.

**Pesquisadora:** Mas foi na fazenda que a senhora nasceu?

**Edith:** É eu nasci na fazenda.

**Pesquisadora:** E qual o nome da fazenda lá?

**Edith:** Paga fogo.

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora têm?

**Edith:** 64 anos.

**Pesquisadora:** E a senhora se casou com quantos anos?

**Edith:** 25 anos.

**Pesquisadora:** E como é que a senhora conheceu seu marido?

**Edith:** Brasília.

**Pesquisadora:** O conheceu no serviço?

**Edith:** Huhum.

**Pesquisadora:** Como é que foi que vocês se conheceram?

**Edith:** Em casa.

**Pesquisadora:** Através de alguém?

**Edith:** É ele foi visitar lá a casa da irmã Maria.

**Pesquisadora:** Irmã Maria é quem?

**Edith:** Era uma colega da gente.

**Pesquisadora:** Ela era sua melhor amiga?

**Edith:** Era minha melhor amiga.

**Pesquisadora:** E a senhora sempre sonhou em se casar?

**Edith:** Uá, sempre toda moça sonha em se casar, né.

**Pesquisadora:** E quanto filho a senhora queria ter?

**Edith:** Ah, eu não queria ter filho não, mas veio né.

**Pesquisadora:** E porque a senhora não queria ter filho?

**Edith:** Não! Menino dá trabalho demais.

**Pesquisadora:** Mas a senhora teve filho?

**Edith:** Tive três.

**Pesquisadora:** E a senhora foi mãe pela primeira vez com quantos anos?

**Edith:** Tava dentro dos 26 anos.

**Pesquisadora:** Foi assim por acaso ou tava esperando?

**Edith:** Foi assim por acaso né, não tava esperando mais veio.

**Pesquisadora:** E porque a senhora não se prevenia?

**Edith:** Ah menina, eu não queria se prevenir tomar remédio não.

**Pesquisadora:** Uá, mais aí a senhora queria ter filho se não tomava remédio (risos).

**Edith:** Não queria não.

**Pesquisadora:** E sua mãe como que era o nome de sua mãe?

**Edith:** Ana José de oliveira.

**Pesquisadora:** E a senhora tem alguma lembrança dela?

**Edith:** Tem.

**Pesquisadora:** Quais as lembranças que a senhora tem de sua mãe?

**Edith:** De bater na gente, de fazer comida gostosa, frango caipira, ela era uma mulher muito trabalhadeira e esforçada.

**Pesquisadora:** Hum e a senhora se acha parecida com ela?

**Edith:** Não, não se acho que pareço com ela não, mas tem gente que acha.

**Pesquisadora:** Mas nem nas características que ela tinha?

**Edith:** Não, na característica de trabalhadeira isso sim.

**Pesquisadora:** Com o que a senhora sonhava assim quando era criança? O que queria ser?

**Edith:** Eu queria ser professora, mas não consegui ao ponto de ser professora.

**Pesquisadora:** Ah, e o que impediu a senhora de ser professora de realizar seu sonho?

**Edith:** Porque não estudou né, não estudava, o tempo de estudar ia, nós não sabia o que era fazer uma prova, no tempo de fazer prova ia era capinar, ajudar pai na roça, capinar arroz, feijão.

**Pesquisadora:** Mas seu pai que colocava vocês para ir pra roça?

**Edith:** Hurum.

**Pesquisadora:** E se vocês não fossem para roça?

**Edith:** Uai, aí apanhava né minha fia.

**Pesquisadora:** Então seu pai era bem severo na criação de vocês, né?

**Edith:** Hurum.

**Pesquisadora:** E sua mãe?

**Edith:** Também, mãe ainda era mais.

**Pesquisadora:** E na criação dos seus filhos o que foi mais importante?

**Edith:** Das minhas filhas?

**Pesquisadora:** Sim.

**Edith:** O mais importante foi a infância delas, elas brincavam muito com o pai delas, o pai delas saía correndo com bolacha na mão rodeando a casa e elas correndo atrás pra tomar a bolacha recheada.

**Pesquisadora:** E o que mais?

**Edith:** Mais não são iguais hoje, os filhos de hoje quer mandar em tudo.

**Pesquisadora:** E a senhora lembra alguma coisa de sua infância?

**Edith:** Lembro.

**Pesquisadora:** A senhora tem lembrança de alguma coisa que marcou sua infância?

**Edith:** Aiai (risos), tem a lembrança de brincar, brincava muito com boneca, mas era com sabugo de milho, enrolava pano e brincava.

**Pesquisadora:** E ainda sobrava tempo para vocês brincar ainda?

**Edith:** Uá, claro.

**Pesquisadora:** E o que mais vocês brincavam?

**Edith:** Uá, de roda, atirei o pau no gato.

**Pesquisadora:** E hoje em que suas filhas são parecidas com a senhora?

**Edith:** Minhas filhas todas elas são bem caprichosa, trabalhadeira e lutadeira da vida né.

**Pesquisadora:** E quem foi que escolheu o nome das suas filhas?

**Edith:** Uai uma foi o pai dela e outra foi eu.

**Pesquisadora:** E porque escolheu esses nomes?

**Edith:** Porque a gente achava bonito né, o nome.

**Pesquisadora:** E o que a senhora acha que suas filhas aprenderam com a senhora?

**Edith:** Aprendeu ter responsabilidade, caráter, tem palavra, porque de pra trás falava e comprava, se eu falasse pra você era isso era isso, hoje em dia que o pessoal é tanta coisa, a palavra da pessoa hoje não voga mais nada é a escrita né, mas toda das minhas filhas tem caráter e palavra.

**Pesquisadora:** E o que a senhora aprende com suas filhas? Porque nós aprendemos muito com a senhora, o que somos hoje é baseado no que a senhora nos ensinou. E a senhora já aprendeu alguma coisa com nós?

**Edith:** A gente aprende, pessoa de caráter, honesto a gente vai aprendendo né, trocar experiência, palavra, as vezes a gente acha que é aquilo e não é, aí vai conversar e entender né, conselho, muitas das vezes a gente dá conselho para os filhos e os filhos dá para os pais, a gente vai aprendendo.

**Pesquisadora:** Ser mãe fez à senhora ficar mais careta?

**Edith:** Não, fez ficar mais alegre, uai.

**Pesquisadora:** Mas a senhora não queria ser mãe, uai?

**Edith:** Não queria ser, mas depois que veio que jeito, é o jeito aceitar e ser alegre.

**Pesquisadora:** Qual a melhor parte de ser mãe?

**Edith:** É quando você vê os filhos socorrer você, a pessoa que não tem nenhum filho é muito ruim né, é igual viver sozinho num mundo deserto, não tem filho não tem pra onde chamar, ah os filhos da gente é uma bênção né é um presente que Deus dá cada pai.

**Pesquisadora:** E a pior parte de ser mãe?

**Edith:** É a responsabilidade que você tem né, que não acaba nunca, só acaba quando você morrer, enquanto você viver tem que ter responsabilidade, você casa, os filhos casa, pode viver bem, mas os pais preocupam, qualquer coisa os pais estão preocupados, será se meu filho comeu, se tá tudo bem, a preocupação não acaba não.

**Pesquisadora:** E porque a senhora acha que essa preocupação não acaba?

**Edith:** Porque é filho né e você tem responsabilidade sobre ele, não acaba nunca a responsabilidade da mãe sobre os filhos.

**Pesquisadora:** O que a senhora gostaria de ter feito antes de se casar e ter filhos?

**Edith:** Era de estudar né, mas não tive oportunidade.

**Pesquisadora:** E o que a senhora acha de eu ter conseguido fazer uma faculdade e ter a oportunidade de ser professora, coisa que era o seu sonho?

**Edith:** Uá, que bom né, eu fico alegre de você ter de terminar sua faculdade, é esforçou né, porque isso ai é esforço, e agente fica alegre de ter uma filha que concursou, de ter um curso superior, eu agora bem dizer que tem duas né que tem o curso superior, tem você e Lidian.

**Pesquisadora:** Do que a senhora tem vergonha?

**Edith:** Ah, vergonha é de roubar, de pedir os outros as coisa, ah vergonha a gente tem que ter né, minha filha.

**Pesquisadora:** E se a senhora pudesse voltar no tempo à senhora seria mãe novamente?

**Edith:** Seria, mas aí eu queria ter filho homem porque só tive mulher.

**Pesquisadora:** Mas se não viesse homem?

**Edith:** Aí aceitaria assim mesmo mulher, né.

**Pesquisadora:** O que a senhora considera mais importante na sua vida?

**Edith:** O mais importante na minha vida é saúde porque se eu não tiver saúde eu não tenho nada, pra mim é importante demais saúde, comer bem, dormir porque ôh misericórdia é difícil viu, isso é importantíssimo.

**Pesquisadora:** Como à senhora vê a vida hoje?

**Edith:** Eu vejo a vida hoje cheia de muitos altos e baixos.

**Pesquisadora:** E que altos e baixos seriam esse?

**Edith:** A vida mesmo de trabalho, de alimentação, a vida doce viver, né, e você saber são muitas coisas, porque hoje a pessoa prende um acolá, mata um, feri outro, belisca um ali e acha que tudo tá bom e a gente vê que não tá né, é o fim da vida mesmo, a falta de amor que não em compreensão.

**Pesquisadora:** E se a senhora pudesse voltar a algum momento de sua vida, qual seria?

**Edith:** Ser jovem (risos), farrear, ir para as festas, para igreja, passear conhecer pessoas diferentes, andar conhecer capital, mas é uma coisa que nunca vai voltar mais.

**Pesquisadora:** E a senhora acha que o tempo cura todas as magoa?

**Edith:** O tempo cura.

**Pesquisadora:** Porque a senhora acha que o tempo cura as mágoas?

**Edith:** É o tempo vai passando, a pessoa, cura assim porque a pessoa esquece né, o que aconteceu porque se nós fosse lembrar tudo que aconteceu na nossa vida e guardar dentro de nós, nem pra viver nós não dá conta de carregar não é coisa demais.

**Pesquisadora:** O que a fé significa pra a senhora?

**Edith:** É ser fiel até a morte para herdar a coroa da vida.

**Pesquisadora:** Que coroa é essa?

**Edith:** A coroa espiritual né, a coroa da vida, quando a pessoa morre ela recebe uma coroa.

**Pesquisadora:** E a senhora acha que está envelhecendo bem?

**Edith:** Tô envelhecendo devagar, né.

**Pesquisadora:** Devagar, devagar a que ponto?

**Edith:** Cada ano passa fica mais velha né, nunca vai ficar nova.

**Pesquisadora:** Diga três palavras que te caracterizam?

**Edith:** Mãe, pai e filho.

**Pesquisadora:** Mas porque essas palavras?

**Edith:** Porque isso aí marca a vida né, e tudo o que a gente é.

Entrevista com Ynaiá Almeida da Silva (minha filha):

**Pesquisadora:** Bom minha filha mamãe vai fazer aquela entrevistinha com você, pra gente conhecer um pouco melhor seus pensamentos, seus sentimentos e tudo, fala o seu nome completo.

**Ynaiá:** Ynaiá Almeida da silva.

**Pesquisadora:** Quem escolheu seu nome?

**Ynaiá:** Mamãe foi à senhora (risos).

**Pesquisadora:** E o que você acha do seu nome?

**Ynaiá:** Eu não gosto muito do meu nome porque tem outras pessoas que começa com a letra y.

**Pesquisadora:** Mas o que tem haver?

**Ynaiá:** Não mãe, mas não tem problema eu acostumo com esse mesmo viu.

**Pesquisadora:** Tá bom. E o que você acha da mamãe?

**Ynaiá:** Eu acho a senhora muito especial para mim.

**Pesquisadora:** Porque a mamãe é especial pra você?

**Ynaiá:** É que a senhora me bate pra corrigir quando apronto.

**Pesquisadora:** E porque a mamãe precisa te corrigir?

**Ynaiá:** Senão faço coisas erradas.

**Pesquisadora:** E o que mais, só isso?

**Ynaiá:** É que a senhora é tão especial que eu nem consigo viver longe da senhora.

**Pesquisadora:** Nossa que bom, fico tão feliz. E mamãe é sua melhor amiga?

**Ynaiá:** É.

**Pesquisadora:** Você confia na mamãe?

**Ynaiá:** Hurum.

**Pesquisadora:** Porque que você confia na mamãe?

**Ynaiá:** Porque não tem outro jeito de confiar em outra pessoa.

**Pesquisadora:** Nem pode né?

**Ynaiá:** Hurum.

**Pesquisadora:** Qual o animal que você mais gosta? Por quê?

**Ynaiá:** De cachorro, porque ele brinca com a gente.

**Pesquisadora:** Se os animais pudessem falar o que acha que eles diriam?

**Ynaiá:** Eu te amo, eu quero brincar e fazer muitas coisas com você.

**Pesquisadora:** E o que você mais gosta de fazer com a mamãe?

**Ynaiá:** Eu gosto da senhora, eu gosto de te ajudar.

**Pesquisadora:** Não, fala assim uma coisa que você gosta de fazer comigo?

**Ynaiá:** Brincar juntas, jogar o jogo de memória, de cartas, passear e outras coisas.

**Pesquisadora:** Você tem algum super-herói que você gosta muito e por quê?

**Ynaiá:** Sim *Ladybug*, porque ela é muito inteligente.

**Pesquisadora:** Como se sente quando abraço você?

**Ynaiá:** Eu me sinto bem confortável e amada.

**Pesquisadora:** Quem brinca mais com você? Mamãe ou papai?

**Ynaiá:** A senhora, porque o papai trabalha muito.

**Pesquisadora:** Você sabe que quando mamãe entrou na faculdade você era pequena e dependia de mim né, foi um período tenso e cheio de desafios, o que você acha de todas as dificuldades que passei?

**Ynaiá:** Que foi difícil porque gente grande trabalha muito e dá o carinho para quem ama.

**Pesquisadora:** E o que você pensa de mamãe tá fazendo faculdade?

**Ynaiá:** Eu penso que ótimos estudos.

**Pesquisadora:** O que você acha da sua vovó?

**Ynaiá:** Eu acho que ela trabalha muito porque ainda é velha, ela tem responsabilidade.

**Pesquisadora:** Você ama a vovó?

**Ynaiá:** Eu amo muitãooooo, também meu pai porque eu sinto muita falta dele quando ele tá pra roça, né.